

Estudando as Religiões:

Aspectos da história e da identidade religiosos

Adevanir Aparecida Pinheiro
Cleide Olsson Schneider
José Ivo Follmann
(Organizadores)

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling

Diretora adjunta

Hiliana Reis

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos IHU

Ano 4 - Nº 17 - 2006

ISSN: 1806-003X

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Dárnis Corbellini – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. MS Laurício Neumann – Unisinos

MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Agemir Bavaresco – UCPel – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Aitziber Mugarra – Universidade de Deusto-Espanha – Doutora em Ciências Econômicas e Empresariais

Prof. Dr. André Filipe Z. de Azevedo – Unisinos – Doutor em Economia

Prof. Dr. Castor M. M. B. Ruiz – Unisinos – Doutor em Filosofia

Dr. Daniel Navas Vega - Centro Internacional de Formação-OIT-Itália – Doutor em Ciências Políticas

Prof. Dr. Edison Gastaldo – Unisinos – Pós-Doutor em Multimeios

Profa. Dra. Élide Hennington - Unisinos- Doutora em Saúde Coletiva

Prof. Dr. Jaime José Zitkosky – Unisinos – Doutor em Educação

Prof. Dr. José Ivo Follmann – Unisinos – Doutor em Sociologia

Prof. Dr. José Luiz Braga – Unisinos – Doutor em Ciências da Informação e da Comunicação

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUCRS – Doutor em Sociologia

Prof. Dr. Werner Altmann – Unisinos – Doutor em História Econômica

Responsável técnico

Dárnis Corbellini

Revisão

Mardilê Friedrich Fabre

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590-8223 – Fax: 51.3590-8467

www.unisinos.br/ihu

Palestrantes do Seminário “Estudando as Religiões”

Ir. Antonio Cazzuni Dias (Espiritismo Kardecista)

Frei Miguel Debiazzi (Igreja Católica – Comunidades Eclesiais de Base)

Pai Dejair Haubert (Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás)

Mãe Aida Martins de Lima e Antonio José de Lima Filho (Casa Africana Nossa Senhora da Conceição)

Dolores Senhorinha Dorneles (Associação Africanista Santo Antônio de Categeró)

Bispo Primaz Orlado Santos Oliveira e Rev. Jessé Castro Ramos (Igreja Episcopal Anglicana do Brasil)

Pastor Adalberto Santos Dutra (Igreja Evangélica Assembléia de Deus)

Rafael Gué Martini e Alancardino Vallejo (Santo Daime)

Pe. José Ivo Follmann (Igreja Católica, Apostólica, Romana)

Mãe Águida Guiomar Pires e Cacique Eloi Saldanha (Templo de Umbanda Preta Velha Zimba do Congo)

Sumário

<i>Apresentação</i>	6
<i>1 Estudando as Religiões I – Espiritismo Kardecista</i>	7
1.1 O que é Espiritismo	7
1.2 Marco Inicial da Doutrina	8
1.3 Espaço para Perguntas	10
<i>2 Estudando as Religiões II – Comunidades Eclesiais de Base</i>	12
2.1 Abertura para Novas Possibilidades	13
2.2 Comunidades Hoje	14
2.1 Espaço para Perguntas	15
<i>3 Estudando as Religiões III – Religiões de Matriz Africana</i>	17
3.1 Mãe Aida Mertins de Lima	17
3.2 Pai Dejair Haubert	18
3.3 Espaço para Perguntas	19
<i>4 Estudando as Religiões IV – Igreja Episcopal Anglicana do Brasil</i>	22
4.1 Surgimento do Anglicanismo	22
4.2 Os Ventos da Reforma	24
4.3 Espaço para Perguntas	25
<i>5 Estudando as Religiões V – Igreja Evangélica Assembléia de Deus</i>	28
5.1 Surgimento da IEAD	28
5.2 Assembléia de Deus no Vale dos Sinos	29
5.3 Obreiros da IEAD	29
5.4 Departamentos e Missão	30
5.5 Base Teológica	31
5.6 Espaço para Perguntas	31
<i>6 Estudando as Religiões VI – Santo Daime</i>	33
6.1 Surgimento	33
6.2 A Estrutura Administrativa da Igreja	35
6.3 Ayahuasca	35
6.4 Os Rituais da Doutrina	36
6.5 Espaço para Perguntas	37
6.6 Hino do Padrinho Alfredo Gregório de Melo	37

<i>7 Estudando as Religiões VII – Igreja Católica, Apostólica, Romana (Igreja Católica: alguns apontamentos sobre sua história, estrutura e identidade)</i>	40
7.1 Bases Gerais.....	40
7.2 Identidade.....	43
7.3 Os Fundamentos.....	43
7.4 Espaço para Perguntas.....	45
<i>8 Estudando as Religiões VIII – Umbanda</i>	47
8.1 Surge uma Religião no Brasil.....	47
8.2 Os Fundamentos Umbandistas.....	48
8.3 A Preparação do Médium e seu Desenvolvimento.....	49
8.4 As Oferendas.....	50
8.5 As Ervas.....	50
8.6 A Percussão.....	50
8.7 Os Materiais Usados.....	51
8.8 Os Sacramentos na Umbanda.....	51
8.9 Organização.....	52
8.10 Espaço para Perguntas.....	53
<i>Alguma Indicações Bibliográficas Úteis</i>	55

Apresentação

A diversidade religiosa sempre é um tema instigante. A realidade brasileira nos apresenta hoje uma variedade absolutamente fascinante. Olhando para o que está mais próximo, veremos que no Vale do Rio dos Sinos – RS, esta diversidade também está presente, trazendo para o nosso contexto características cultivadas através de muitos caminhos da história humana.

O material apresentado no presente Caderno é rico em experiência. Está repleto de vivências de líderes religiosos em suas respectivas tradições, relatando aspectos de sua história e de sua identidade.

O programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo – GDIREC¹, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, promoveu em 2004, um Seminário com encontros mensais denominados *Estudando as Religiões*. Os encontros tiveram como foco central o surgimento de cada denominação religiosa, aspectos de sua história e identidade. Os textos apresentados neste Caderno são transcrições das palestras e troca de idéias desses encontros.

Os artigos mantêm, na medida do possível, fidelidade literal ao discurso falado pelos palestras e

do público interlocutor. Por uma questão de limite de espaço, só foi possível reproduzir, no máximo, duas intervenções do público interlocutor depois de cada palestra. São reproduzidas as palestras das seguintes denominações, tradições ou movimentos religiosos: Espiritismo Kardecista, Comunidades Eclesiais de Base, africanismo, Igreja Episcopal Anglicana, Igreja Evangélica Assembléia de Deus, Santo Daime, Umbanda e Igreja Católica, Apostólica, Romana.

Não se trata de um material que tenha pretensão de abarcar informações completas sobre a história e a identidade das religiões. Os recortes dados foram de livre determinação de cada líder religioso expositor, dentro daqueles aspectos que ele julgou mais pertinentes para o público presente. São aspectos gerais que querem auxiliar no conhecimento do que foi considerado básico para os líderes religiosos. Esperamos que o material possa contribuir, especialmente, na reflexão sobre o diálogo inter-religioso.

¹ O Grupo Inter-Religioso de Diálogo é constituído pelos seguintes líderes religiosos: Dolores Senhorinha Dorneles: *Casa Africana Santo Antônio do Categeró (São Leopoldo)*; Aida Martins de Lima e Antonio José de Lima Filho: *Casa Social Africana Nossa Senhora da Conceição – Mãe Oxum (Canoas)*; Dejair Haubert: *Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás (São Leopoldo)*; Águida Guiomar Pires e Eloi Saldanha: *Templo de Umbanda Preta Velha Zimba do Congo – TUMPIZ (São Leopoldo)*; Nilton Luís Rodrigues: *Associação Espírita de Umbanda Cacique Haitú e Templo de Oxum (São Leopoldo)*; Alancardino Vallejo e Rafael Gué Martini: *Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal – Santo Daime (Sapiranga)*; Adalberto Dutra, Vilson Dammer e Claudiano Pereira: *Igreja Evangélica Assembléia de Deus – IEAD (São Leopoldo)*; José Ivo Follmann: *Igreja Católica, Apostólica, Romana – ICAR (São Leopoldo)*; Jessé de Castro Ramos: *Igreja Episcopal Anglicana do Brasil – IEAB (São Leopoldo)*; Cleide Olsson Schneider: *Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB (São Leopoldo)*; Antonio Cazzuni Dias: *Círculo Espírita Francisco de Assis – CEFA (São Leopoldo)*; José Carlos Bandeira: *Sociedade Espírita Amor à Verdade (São Leopoldo)*; Roseleine Salette Sete e Aida Maria Glüer: *Brahma Kumaris (São Leopoldo)*. O grupo é coordenado por Adevanir Aparecida Pinheiro e tem como secretária Débora Barbosa Bauermann.

1 Estudando as Religiões I

Espiritismo Kardecista²

Conforme foi lembrado pela coordenadora Adevanir Aparecida Pinheiro, esta é a primeira apresentação deste seminário, “Estudando as religiões”. A proposta desta tarde é relatar a história da doutrina espírita Kardecista e como ela se encontra na sua teoria e prática. A coordenadora Adevanir pediu para que eu me apresentasse. Meu nome é Antonio Cazzuni Dias, pertenço ao Círculo Espírita Francisco de Assis, que se localiza próximo à Universidade. Sou um trabalhador dessa doutrina. Não sei tudo. Tenho a consciência de estar engatinhando no conhecimento. Por isso, peço a compreensão de todos quanto à apresentação.

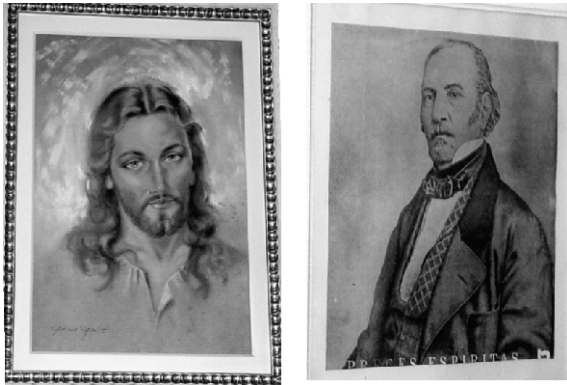


Fig.1: Imagens da Sala do Círculo Espírita.

Para falar da doutrina espírita kardecista, é necessário acreditar, em primeiro lugar, na pluralidade da existência. Este é o fundamento maior que nos dá direção para o conhecimento da teoria e da prática da doutrina. Com relação à pluralidade

de da existência, recorreremos ao evangelho de João, no capítulo três, que transcreve o diálogo de Cristo com Nicodemos: “Diz-lhe Nicodemos: ‘Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?’ Retorquiu-lhe Jesus: ‘Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. – O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. – Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. – O espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito’”. Nesta passagem, Cristo deixa bem clara a idéia da vida futura. É nisso que acreditamos.

1.1 O que é o Espiritismo

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem, da distinção dos espíritos e da sua relação com o mundo corpóreo. O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência de observação, consiste nas relações que se podem estabelecer com os espíritos. Como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações. Isso, em síntese, é a idéia da doutrina espírita kardecista. A nossa doutrina, em relação às demais, é relativamente nova (147 anos). A sua história é muito interessante. Ela se inicia

² Palestra proferida, no dia 7 de abril de 2004, pelo Ir. Antônio Cazzuni Dias, vice-presidente do Círculo Espírita Francisco de Assis, São Leopoldo – CEFA.

Esta palestra e todas as demais foram transcritas pela secretária do GDIREC, Débora Barbosa Bauermann.

com o caso ocorrido, por volta do ano de 1848, na localidade de Hydesville, situada no Estado de Nova Iorque, Estados Unidos. As irmãs Margaret e Kate Fox começaram a ouvir pancadas e ruídos vindos do chão e paredes de sua casa. Estabeleceram um código e comunicaram-se com a “origem” do fenômeno, que revelou ser o Espírito de um homem assassinado e enterrado sob a casa.

Na mesma época, o chamado fenômeno das mesas girantes – mesas comuns que se moviam e fluuavam no ar sem serem tocadas pelos presentes – tornou-se uma brincadeira de salão que divertia os encontros da burguesia européia. Na Europa, o fenômeno dos salões chamou a atenção dos homens da ciência, que pensaram em atribuir o fato a algum tipo de energia ainda desconhecida. A possibilidade, porém, de estabelecer comunicação com a causa dos fenômenos demonstrou a existência de seres inteligentes como seus causadores. Tais seres se declararam Espíritos e disseram terem sido as almas de homens que já haviam morrido.

Homens sérios, como o pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail – que mais tarde ficou conhecido pelo nome de Allan Kardec, sacerdote druida que fora pedagogo em outra encarnação – dedicaram anos de suas vidas às comunicações com os Espíritos e, dos ensinamentos e informações recebidas, codificaram a Doutrina Espírita. Fundaram sociedades destinadas ao estudo espírita na França e em outros países e publicaram obras para divulgá-la.

Afinal, quem foi Hippolyte Léon Denizard Rivail? Allan Kardec nasceu em 3.10.1804, em Lyon, na França. Os seus estudos iniciaram-se em sua cidade natal, tendo-os completado em Iverdun, na Suíça, sob a direção do célebre e inesquecível professor Pestalozzi. Formado em Ciência da Pedagogia e bacharelado em Ciência e Letras, conhecia o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol e o holandês, sem falar na língua materna, tendo grande cultura científica. Com a seriedade que lhe era peculiar, passou a estudar o fenômeno que ocorreu na casa das irmãs Fox.

Seus estudos e pronunciamentos sofreram muitas contestações da sociedade e de seus adver-

sários, chegando ao ponto de serem destruídas quase trezentas obras. Estava desanimado para prosseguir em seu jornal, quando seu mentor espiritual (conhecido como o Irmão ou Espírito Z) deixou uma mensagem, pedindo que não desistisse da missão e sugerindo que usasse o nome de Allan Kardec, que fora seu em outra encarnação.

Animado com a decisão e o apoio dos espíritos protetores e seus colaboradores, Allan Kardec reiniciou seus estudos e pesquisas, produzindo 16 obras. Além disso, fundou a *Revista Espírita (Revue Spirite)*, em 1858, na qual foram publicados 1.387 artigos. Destas obras, cinco representam a codificação da doutrina espírita.

1.2 Marco Inicial da Doutrina

O Livro dos Espíritos, um dos cinco livros fundamentais da doutrina espírita, foi o primeiro a ser recebido, diretamente dos Espíritos, pela equipe de médiuns de várias cidades da Europa, reunida e coordenada por Allan Kardec e seu grupo. Ele é, portanto, o marco inicial de uma doutrina de profunda repercussão no pensamento e na visão de vida de considerável parcela da humanidade, desde 1857, data da primeira edição francesa. Das três revelações de origem divina, a de Moisés no Sinai e a do Cristo Jesus, 1500 anos depois, a dos Espíritos é a primeira de caráter coletivo, pois resultou do trabalho conjunto dos Espíritos Superiores e dos homens. Estruturado em quatro partes e 1.019 perguntas, formuladas pelo grupo de Kardec e respondidas psicograficamente pelos Espíritos, este livro aborda os aspectos científico, filosófico e religioso da Doutrina Espírita. Independentemente de crença ou convicção religiosa, a leitura de *O Livro dos Espíritos* é de imenso valor porque trata da imortalidade da alma, da natureza dos Espíritos, de suas relações com os homens, das leis morais, da vida presente, da vida futura e do porvir da humanidade, assuntos de interesse geral e de grande atualidade, nessa transição de milênio, de conturbação e de perplexidade.

O Livro do Médiuns, de 1861, reúne “o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os

gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo”. Apresenta ainda, na parte final, precioso vocabulário básico espírita. De leitura e consulta obrigatória para os espíritas, é uma preciosa aquisição também para qualquer pessoa indagadora e atenta ao fenômeno mediúnico, que se manifesta crescentemente no mundo inteiro, dentro ou fora do Movimento Espírita. Sendo os homens parte integrante do intercâmbio entre os dois planos de vida – o material e o espiritual –, o melhor é que conheçam bem os mecanismos desse relacionamento. *O Livro dos Médiuns* é o manual mais seguro para todos os que se dedicam ao Espiritismo experimental.

O Evangelho segundo o Espiritismo, de 1864, encerra a essência do ensino moral de Jesus e, por isso, constitui o abrigo onde os adeptos de todas as religiões – e mesmo os que não têm religião – podem reunir-se, uma vez que oferece roteiro seguro para a nossa reforma íntima, objetivo apontado por Cristo como indispensável para alcançarmos a felicidade vindoura, a paz interior, essa conquista que somente a observância plena das leis divinas pode proporcionar ao Espírito na sua gradual caminhada evolutiva para Deus.

O Céu e o Inferno, de 1865, tem por escopo explicar a justiça de Deus à luz da Doutrina Espírita. Objetiva demonstrar a imortalidade do Espírito e a condição que ele usufruirá no Plano Espiritual, como consequência de seus próprios atos. Divide-se em duas partes. A primeira, com caráter de um estudo teórico, estabelece um exame comparado das doutrinas religiosas sobre o após morte. Mostra fatos como a morte de crianças, seres nascidos com deformações, acidentes coletivos e uma gama de problemas que só a imortalidade da alma e a reencarnação explicam satisfatoriamente. Kardec procura elucidar temas, como anjos, céu, demônios, inferno, penas eternas, purgatório, temor da morte, a proibição mosaica sobre a evocação dos mortos etc. Apresenta também a explicação espírita contrária à doutrina da penas eternas. A segunda parte, resultante de um

trabalho prático, reúne exemplos acerca da situação da alma durante e após a reencarnação. São depoimentos de criminosos arrependidos, Espíritos endurecidos, felizes, medianos, sofredores, suicidas e Espíritos em expiação terrestre.

A Gênese – Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo, de 1868, é um livro que precisa ser conhecido e estudado pelos espíritas. Para o leitor não-espírita, é uma oportunidade excepcional de imersão em grandes temas de interesse universal, abordados de forma lógica e reveladora. Divide-se em três partes. Na primeira, analisa a origem do planeta Terra, de forma coerente, fugindo das interpretações misteriosas e mágicas sobre a criação do mundo. Em sua segunda parte, aborda a questão dos milagres, explicando a natureza dos fluidos e os fatos extraordinários contidos no Evangelho. Na terceira parte, enfoca as predições do Evangelho, os sinais dos tempos e a geração nova. Os argumentos que compõem os 18 capítulos desta obra têm como base a imutabilidade das grandiosas leis divinas.

Para o conhecimento da doutrina, as obras *O Que é o Espiritismo* e *Obras Póstumas* são de fundamental referência.

Os fundamentos da doutrina espírita kardecista são: a existência de Deus, a existência e sobrevivência do espírito, a alma humana, a pluralidade da existência, a reencarnação, a mediunidade e o livre arbítrio. Portanto, a doutrina espírita kardecista é formada por três aspectos: ciência, filosofia e religião. O objetivo essencial e exclusivo do Espiritismo é o nosso adiantamento e, para alcançá-lo é permitido aos Espíritos nos instruir quanto à vida futura, oferecendo-nos exemplos que poderíamos aproveitar. Quanto mais nos identificamos com o mundo que nos espera, menos lastimáveis ficamos com aquele em que estamos agora. Esse é, em suma, o objetivo atual da relação.

Hoje, de acordo com algumas informações, existem em torno de 10.000 casas ou centros espíritas. Estima-se que haja cerca de três milhões de adeptos e/ou praticantes. A maior concentração está nas regiões Sul e Sudeste. Outra curiosidade, embora a doutrina não seja brasileira, é no

Brasil que está o maior contingente de praticantes do Espiritismo no mundo. Hoje, na sociedade parisiense de estudos espíritas, são somente 150 trabalhadores.

Espero ter passado uma idéia grande da origem do conhecimento e da prática da doutrina. Agradeço a atenção de todos.

1.3 Espaço para Perguntas

(...) nos surpreendemos, como de repente um cartaz nas ruas e na Universidade, nos convidando para um debate do Espiritismo Kar-de-cis-ta, alguma coisa que nós achamos que, de certa maneira, não existe: Espiritismo Kar-de-cis-ta. E é bom que os senhores e as senhoras entendam, que não existe Espiritismo Kar-de-cis-ta, existe es-pi-ri-tis-mo, e se existisse na época de 1864, quando foi criado por meio do Livro dos Espíritos uma coisa que temos hoje, chamada marcas e patentes, a palavra Es-pi-ri-tis-mo é marca e patente da doutrina dos espíritos criada por Allan Kardec. Então, não existe 'Doutrina Espírita Kardecista', e sim Doutrina Espírita. Acontece que, em função da necessidade de a religião ter uma organização na época (...) a Umbanda que foi criada no Rio de Janeiro, ela para poder existir, procurou a Federação Espírita Brasileira e pediu, para que pudesse, vamos dizer assim, existir e começar a se propagar, e a Federação Espírita, a partir de uma assembléia geral abrigou as casas de Umbanda do Rio de Janeiro. A partir daí, nós vamos encontrar, Centro Espírita de Umbanda, que é a única exceção que se faz, quando eles se organizaram, a partir daí então começaram a se organizar fora da Federação Espírita Brasileira, a única ressalva que se faz.

Quanto à expressão Espiritismo Kardecista, que se encontra no folder, foi a Universidade que fez esse chamado. Nossa casa está neste grupo de estudo por convite e por estar inserida na comunidade onde a Universidade se encontra. Eu não tenho informação, eu não sei se isso pode. Mas pelo que entendo do programa da Unisinos, ela não estaria interessada em buscar representantes

de federações, associações e representantes e assim por diante. A proposta da Unisinos, que nos foi levada, é de desenvolver, discutir e promover o diálogo entre as religiões e não uma coisa que pode se transformar num grande debate do que é certo e do que é errado. Aproveito a oportunidade do questionamento de como eu cheguei até aqui e o senhor não. O irmão também me dá a oportunidade de informar que a casa à qual pertencemos tem a denominação de Círculo Espírita Francisco de Assis, fica localizada na rua Afrânio Peixoto, nº 77, Bairro São João Batista, nesta cidade, e não é federalizada. Desde a primeira reunião que se antecedeu à sua fundação, já se tinha a posição de optar por não federalizar a casa para que pudessemos ter a liberdade e o aprofundamento em estudos e práticas.

Com essa decisão, não entendíamos que estávamos nos desviando de nenhum caminho. Nós não estamos fugindo do legado que nos deixou nosso irmão Allan Kardec. Bem pelo contrário, estamos tentando entender um pouco mais, é claro, conforme nossa capacidade, mantendo a humildade e com a certeza absoluta de que sabemos muito pouco. Estamos muito felizes pela decisão que tomamos. Agradecemos ao irmão Allan Kardec que desvendou os códigos e codificou nossa doutrina, deixando um legado que podemos consultar e aprender. Jamais vamos fechar os olhos, achando que a obra de Allan Kardec é o final do caminho. Vamos observar que existem 453 obras deixadas pelo irmão Francisco Cândido Xavier, assistidas pelos irmãos Emmanuel André Luis. Realmente, o entendimento pleno do que Kardec nos deixou é a divulgação séria dessa doutrina. Conhecemos a responsabilidade de se abrir uma casa religiosa, a questão de quem vai entrar e quem vai sair. A ida e a vinda são livres.

Gostaria de saber sobre o atendimento espírita, pois ouvi dizer que existem dois tipos de atendimento: um chamado de apometria e outro de corrente magnética. Qual é a diferença entre os dois? Procurei no dicionário e não achei o termo apometria.

Existe influência do mundo espiritual, dos irmãos espirituais, que são os espíritos, nos irmãos

encarnados, que são as almas. Quando se produz a oportunidade de ter os dois elementos, espiritual e material, quer dizer que, na doutrina, estudamos e aprendemos a obsessão e a possessão. A obsessão é quando um irmão espiritual tenta participar da vontade do irmão material. Possessão é quando o espírito toma a vontade do encarnado. Há um envolvimento do seu perispírito que age

nas vontades ou nos sentidos. O que acontece nos trabalhos? Acontece que esses irmãos se aproximam do encarnado e eles são doutrinados, são esclarecidos, que deixem suas vicissitudes de lado e busquem o progresso. Corrente magnética é quando acontece o trabalho.

2 Estudando as Religiões II

Comunidades Eclesiais de Base³



Fig.2: Cartaz

As Comunidades Eclesiais de Base são uma criação dentro da Igreja Católica, a partir da década de 1970. Hoje não se ouve falar tanto de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) como em outras épocas. Elas foram vistas como uma forma de viver o cristianismo, uma forma de viver e realizar a Igreja Católica. Também a experiência das Comunidades Eclesiais de Base se tornou mais uma experiência aberta para outras tradições cristãs. Os últimos encontros intereclesiais foram marcados pela presença de diferentes igrejas cristãs e de outras religiões fora da tradição cristã. As CEBs, que iniciaram na Igreja Católica, foram se abrindo para uma diversidade muito grande, para um diálogo inter-religioso. Hoje não acontecem encontros intereclesiais sem essa presença diversificada de religiões. (Palavras do Interlocutor)

Confesso que entrei para as Comunidades Eclesiais de Base muito mais por uma questão de prática do que teórica, ideológica. Não era um projeto claro de igreja teológica, mas uma necessidade de outros companheiros, outros irmãos, confrades, estudantes engajados nas lutas sociais. Percebemos, então, o quanto era necessário cons-

truir um modelo e uma Igreja, de fato, com o rosto da comunidade. Com base na percepção da experiência em Caxias do Sul, Porto Alegre e Canoas, alcançamos mais força sobre as nossas práticas e também nos preparamos um pouco mais com relação à argumentação para defender, então, a implantação, a mudança de uma estrutura paroquial para uma rede de Comunidades Eclesiais de Base.

Penso que devemos ser bastante corajosos em discutir as Comunidades Eclesiais de Base hoje, pois é um tema que, de fato, deixou de ser novidade e justamente por deixar de ser novidade, ele não tem muita importância como motivação popular da comunidade e também dos próprios teólogos.

Houve vários momentos muito fortes para as comunidades, pois existia uma grande expectativa por um novo jeito de ser igreja – como se chamam as Comunidades Eclesiais de Base. Esse novo jeito teria força, se também houvesse um projeto político popular para a cidade, sobretudo nas (primeiras) décadas de 1960, 1970, 1980. Comunidades Eclesiais de Base vestiram a camisa política da mudança popular, porque o novo jeito de ser Igreja estava muito atrelado a essa esperança de uma mudança social e política.

O que é uma Comunidade Eclesial de Base? Nós definimos hoje, que, para ser uma comunidade eclesial de base, no mínimo, deve ter um espaço de articulação que seja democrático, participativo, que planeje e pense a caminhada, que nós chamamos de Conselho Comunitário das Comunidades, onde os serviços de fato possam organi-

³ Palestra proferida, em 5 de maio de 2004, por Frei Miguel Debiuzzi.

zar e planejar a comunidade e onde se possa discutir a centralidade da palavra de Deus, que é a Bíblia. Nunca começamos uma reunião, sem uma breve reflexão e a proclamação da Palavra e com base nela, então, se faz um momento de espiritualidade, onde se anima a comunidade.

O Conselho Comunitário quer ser o lugar onde haja a participação da comunidade, de todos, que tenham vez e voz. O novo jeito de ser Igreja tem que ser esse, em que todo batizado cristão tenha a oportunidade de se construir como sujeito, que atua na comunidade e liberta-se. Uma outra característica é que a comunidade, no mínimo, se reúna uma vez por semana, para a sua celebração da caminhada, a sua animação, que não se reúna apenas quando o sacerdote pode chegar àquela comunidade, a cada quinze dias, ou uma vez por mês, ou a cada dois meses, ou a cada três meses.

É imprescindível que a comunidade tenha semanalmente um espaço de celebração de sua caminhada, de sua conquista, de suas lutas, de suas dores, onde ela se anime. Isso fez, no início da caminhada, as limitações se mostrarem, porque tanto nós, os religiosos, como os leigos, não tínhamos uma preparação teológica, bíblica, de espiritualidade, teológica de fato para poder ler a palavra de Deus, explicar a palavra de Deus e animar a comunidade. As comunidades nasceram da necessidade histórica de pensar uma mudança da Igreja, mas também para que os pobres pudessem se sentir igreja. Hoje não se concebe uma comunidade eclesial de base que viva apenas para a sua missão de catequese, de formação interna e que não tenha uma ligação com as lutas populares, com as necessidades das pessoas.



Fig. 3: Trabalhando unidos

2.1 Abertura para Novas Possibilidades

No final dos anos 1980, com a derrota do candidato Lula à Presidência da República, houve um grande impacto negativo na concepção e esperança político-social. O recuo não foi apenas sair da periferia para um lugar bem mais central, para um bairro bem mais estruturado, com casa e formação bem mais segura, mas houve também um recuo ideológico, de formação, de mudança de mentalidade e foram poucos que sobraram nas comunidades.

Houve quem soube se manter, fazer uma síntese, fazer uma mudança da vida e acompanhar as mudanças do tempo e não perder o que é original das comunidades de manter o povo animado. As Comunidades Eclesiais de Base têm uma caminhada bastante segura, em um processo progressivo, de crescimento. Hoje, no Brasil, temos, em média, segundo os dados de Pedrinho Ribeiro, ligado à CNBB, setenta a oitenta mil Comunidades Eclesiais de Base. Isso é sinal de que esse novo jeito de ser Igreja está dando certo, graças à descentralização, à participação dos leigos e também à construção em conjunto das Comunidades Eclesiais de Base que sobrevivem devido à autocrítica que se faz da caminhada. Ela avança com base no que o povo percebe: que a proposta de Jesus Cristo não é apenas viver, e conviver, e testemunhar o Evangelho, mas é também enraizar-se, transformar e oferecer uma vida melhor para aquela comunidade.

A partir de 1990, as comunidades se abriram para o diálogo ecumênico. Na prática, há muitas experiências que acontecem no dia-a-dia, não são apenas celebrações ecumênicas, mas também a consciência do sujeito, do coordenador, do líder da Comunidade Eclesial de Base, com uma consciência mais ecumênica, de diálogo, de respeito. E aí está o nosso papel: é possível contribuir internamente, avançar neste diálogo, e fortificar as nossas diferenças, para que esse diálogo seja sempre mais aberto, construtor. Diria uma Igreja mais voltada para a proposta de Jesus Cristo como uma proposta libertadora, que consiga projetar sobre a comunidade valores de respeito, com

ética, com respeito à ecologia, como uma proposta de solidariedade entre as pessoas, que faz a Comunidade Eclesial se manter sempre animada e, ao mesmo tempo, avançando e construindo, não sozinho, mas com os outros, respeitando as diferenças religiosas, o que, em Canoas, se mostrou possível.

O livro do Hans Küng diz que não existirá sobrevivência da humanidade sem uma ética mundial e não haverá paz no mundo, sem paz entre as religiões e, sem paz entre as religiões, não haverá diálogo entre as religiões. Então, temos que começar, pela nossa casa, pelo berço onde nós nos encontramos, e isso as Comunidades fazem. A caminhada das Comunidades Eclesiais de Base se mantém justamente porque não há muitos órgãos oficiais de articulação, de estruturação, mas há as Comunidades de Base. Nós temos hoje uma organização, uma coordenação nacional um pouco fragilizada. Temos uma coordenação estadual, mas o forte não são as coordenações, é a comunidade viva, articulada, permanente, que tem uma caminhada, dois/três agentes conscientes e tudo que sustenta essas Comunidades Eclesiais de Base e vão formando opinião, formando prática e esse jeito vai construindo, vai transformando, vai chamando a atenção e a presença da nossa igreja.

Os primeiros a entraram em conflito pessoal não foram as lideranças, mas os próprios religiosos que antes tinham uma estrutura eclesial, com um modelo extremamente diferente e se viram completamente desarticulados em seus conceitos e suas práticas, e diziam: “Então o que me sobra?”.

2.2 Comunidades Hoje

Entendo que isso é comunidade de fato. Potencializar o sujeito para que seja igreja, e essa é uma grande missão. Entretanto, os religiosos recusaram muito e alguns até abandonaram a causa. A Igreja Católica é formada por uma estrutura muito rígida, com a figura central do Papa. É muito canônica e fecha-se em normas. Na diocese, vive-se isso muito fácil, parece que a CNBB é um

grande colegiado de bispos, mas todos pensam pastoral, todos são avançados quando estão na CNBB, e as publicações deles são muito bonitas. No entanto, na prática, quando voltam para a sua diocese, o que vale não é a pastoral, mas é a dimensão canônica.

Hoje, percebe-se uma posição dos bispos mais centrada nessa postura de normas, de direita, por uma questão de insegurança e por falta de projeto. E o interessante das Comunidades Eclesiais de Base é que elas têm um projeto bonito de ser Igreja. Elas têm um projeto de criar comunidades, uma mística muito linda de animação, de potencializar aquela pessoa desanimada na comunidade, de engajá-la para ser catequista, ou no clube de mães, ou na pastoral da saúde, ou para um mutirão contra a fome, ou para organizar uma pequena cooperativa ou para uma associação, ou para fazer uma experiência de criar um grupo de artesanato... E isso vai potencializando, vai libertando a pessoa e, ao libertar-se, ela se constitui em um agente, um sujeito que evangeliza, que transforma, que respeite as diferenças. As Comunidades Eclesiais de Base parecem ainda hoje, para alguns bispos e sacerdotes, como algo extremamente ideológico, porque elas carregam em si a semente da mudança, da transformação. Não existe encontro entre duas pessoas que não seja ideológico, que não seja de provocação, de idéia, de transformação.



*“Eu vim
para que
todos
tenham vida”*

Fig 4: Vida

O Encontro Estadual das Comunidades Eclesiais de Base tem por finalidade percorrer as dezessete dioceses que existem no Rio Grande do Sul para animar, provocar e sentir se, de fato há alguma semente, alguém que consiga articular uma comunidade, um novo jeito de ser Igreja.

Hoje, alguns companheiros nos fazem críticas porque dizem que nós, em 1989, tínhamos uma caminhada muito voltada para o lado social, para o lado político das Comunidades Eclesiais de Base. Depois houve um retrocesso e afirmam que as Comunidades estariam voltadas mais para o lado espiritual ou fechadas em si mesmas, esquecendo até algumas lutas sociais e algumas bandeiras.

De fato, as comunidades que fizeram uma bela experiência com base na descentralização do poder, da fortificação de uma mística, de uma espiritualidade, de uma animação litúrgica, de fazer a fé estar articulada também na sua resposta sobre a comunidade, não só do lado pessoal, deram certo. Hoje que o Karl Rahner apresenta o mundo moderno, o mundo contemporâneo, com o seu pluralismo filosófico, com os seus elementos complicados, o que é uma questão de filosofia, de teologia para trabalhar, nós podemos dizer que as Comunidades Eclesiais de Base também nos fizeram conhecer a nós mesmos e à Igreja, e à multiplicidade de experiências religiosas que têm o seu valor, que cada uma tem a sua doutrina, os seus limites, os seus avanços.

O que nós podemos, como Comunidades Eclesiais de Base, é contribuir para o diálogo inter-religioso. Em primeiro lugar, precisamos dizer que CEBs é uma experiência de um novo jeito de ser Igreja que está dando certo, que tem o seu potencial real, tem um potencial espiritual que soma, que transforma. Muitas pessoas esperam ver as comunidades constituindo um belo projeto de Igreja e comunhão e nós podemos contribuir na opção que elas fazem, uma opção realmente verdadeira pelos pobres, pelos necessitados, pelos excluídos. A palavra de Deus liberta-nos, provoca-nos, faz a Igreja tornar-se toda missionária, libertadora, conseguir construir uma ação pastoral de transformação, de encarnar uma fé que transforme a vida, fazendo essas pessoas conseguirem resolver todos os seus conflitos cotidianos.

Entendo que o novo projeto de ser igreja vai muito longe, vai permanecer por muito tempo e vai contribuir para experiência do povo enquanto

houver essa necessidade de abertura, de libertação, do diálogo com o outro nas comunidades. Sempre achei um pouco desafiador, ao perceber que, hoje, as Comunidades Eclesiais de Base não são as mesmas que começaram nos anos 1960 e 1970, e é bonito, e não poderia ser a mesma porque a realidade mudou, as pessoas mudaram. Agora, entendo que quanto ao aspecto de utopia, quanto ao aspecto ideológico, é preciso fazer um projeto, que vai, aos poucos, construindo uma comunidade viva na base, com um potencial permanente e ativo sobre a comunidade.

2.3 Espaço para Perguntas

Como é a relação entre CEBs e renovação carismática?

Abrimos um espaço de diálogo e recuperamos o que os carismáticos sentem e as Comunidades Eclesiais de Base já tinham percebido: a espiritualidade. Começamos juntos a trabalhar a espiritualidade. Em poucos meses, eles voltaram a fazer uma experiência de espiritualidade mais direcionada para a comunidade, com os pés no chão, mais encarnada, inclusive, desafiámos que se usasse a Bíblia para esse momento de louvor. Essa descoberta da Bíblia é a prática das Comunidades Eclesiais de Base. Foram elas que resgataram a força da centralidade da Bíblia e colocaram-na como o centro da vida das comunidades. A Bíblia, então, passou a ser o ponto de espiritualidade, como o ponto para a pregação.

Há todo um movimento de diálogo e reflexão para que percebam também os valores das CEBs, as belezas que existem e que eles passem a usar a animação que fazem para uma espiritualidade de animação, de fervor, de oração, de expressão corporal. Isso as comunidades nossas faziam e fazem bem e é a própria Palavra de Deus que serve como orientadora e base espiritual.

O movimento das CEBs nasce com base nas “casas do caminho” como tínhamos no início do movimento cristão. Com o tempo, esse movimento toma uma vertente quase que político-partidária.

A grande inspiração das Comunidades Eclesiais de Base é a Igreja primitiva, são as primeiras comunidades. Então se pode dizer que não caiu o movimento, não dispersou, que ele está tomando outro rumo, mas dá para se dizer que “jogaram água na fervura” em função do momento que está se vivendo (desilusão política)?

Entendo que, como as CEBs encarnam uma necessidade de manter o homem sempre potencialmente liberto, o que não tem como fazer apenas pelo lado espiritual, é preciso estabelecer suas relações sociais, econômicas e políticas com a comunidade. Chega o momento que isso leva a uma caminhada social, é mais forte que a caminhada eclesial, influenciando esse lado da comunidade que está começando, que tem pouca história de construção (são apenas 40 anos de CEBs). A história vai nos dizer quando erramos. No entanto, também construímos algo em comum: valores, união, são pilares de sustentação, e que não há como ter uma fé mais encarnada, voltada para a libertação, que não se comprometa com uma cultura diferente, com um mundo diferente. Hoje se fala muito em responsabilidade ecoglobal, mas, por exemplo, quantas experiências, na Comunidade Eclesial de Base, se começaram com a reciclagem do lixo, a trabalhar uma consciência de respeito ao ecossistema?

Temos a profunda convicção de que a fé pode ser um elemento de sustentação pessoal, do potencial de transformação, de libertação, de humanismo. Ela pode ser um elemento que consiga fazer os seres saírem da sua individualidade das suas comunidades e entrarem para uma comunidade e que nessa comunidade a luz da fé consiga testemunhar uma comunhão de pessoas, de vida cotidiana. Quando a pessoa entra na comunidade, mesmo que esteja desempregada, passa por um momento difícil da vida, ela não passa fome. Sabe por quê? Porque as pessoas se conhecem, elas fazem rancho ou elas fazem uma doação, elas têm

esse aspecto da sensibilidade, da solidariedade. Isso é próprio das comunidades. Elas podem ser de outras religiões, podem não ter religião, mas o modelo, a consciência desse nosso cristão tem que ser de fato algo que faça a diferença.

(Participação do Interlocutor) Essa compreensão da teologia da libertação e das CEBs brota da palavra de Deus e aí para ser autêntica e, o que compreendemos da palavra de Deus, ela sempre interagiu na realidade, no mundo, nas questões dos homens e aí vem hoje no Brasil e na América Latina a miséria. Essa Igreja tem a sua origem na palavra de Deus, é Jesus Cristo na Igreja cristã. Ele sempre se posicionou ao lado dos excluídos e interviu numa realidade lamentável de exclusão em que os poderosos estavam de um lado, e o povo sofrendo de outro. Então não há essa parte ideológica não-partidária, mas de opção de interagir no mundo.

Quando lemos os Evangelhos e principalmente Mateus que fala do juízo final, as relações entre as pessoas, qual é o juízo? Se realmente foi feito algo de concreto em favor uns dos outros, essa é a compreensão que eu tenho, e creio que é das CEBs. Eu gostaria de confirmar: por que nós, igrejas, estamos no mundo para quê? Deixar tudo como está? O individualismo mais gritante, a distância entre pobres e ricos, a religião deve libertar o pobre, mas deve libertar o rico da riqueza. É um desafio.

Quero dizer primeiro que o pobre, o negro, o índio, as mulheres, as crianças e os demais marginalizados são os que nos chamam para o diálogo com base nas confissões de fé que cada um tem. Nas comunidades de base, chama-se a atenção para os excluídos e procura-se uma forma de integrá-los na caminhada de libertação do povo de Deus. Esse é o grande desafio para quem se identifica com as CEBs.

3 Estudando as Religiões III

Religiões de Matrizes Africanas⁴

3.1 Mãe Aida Martins de Lima

Meu nome é Aida, mais conhecida como Mãe Aida de Oxum, de Canoas.

Entre as religiões de matriz não-cristã que se desenvolveram no Brasil ao lado do catolicismo e do protestantismo – fora do cristianismo, portanto – há um grupo que se destaca pela posição de relevância estrutural que ocupa no quadro geral da cultura brasileira, que é o grupo das religiões afro-brasileiras.

Os cultos afro-brasileiros são assim chamados por causa da origem de seus principais portadores, os escravos traficados da África para o Brasil, também porque até meados do século XX funcionavam exclusivamente como ritos de preservação do estoque cultural dos diferentes grupos étnicos negros que compunham a população dos antigos escravos.

Vou mostrar-lhes uma estatística dos negros por nações baseada nos contratos de compra e venda de escravos entre 1838 e 1860, extraídos da cidade de Salvador, os resultados são: nagôs: 2049; gegês: 286; mina: 117; calabar: 39; benquela: 29; gabom: 5; cassanfê: 4; moçambique: 42; origem bantu: 460. Essas são as religiões africanas, são os africanos. Temos assim, 3060 escravos sudaneses e 461 escravos bantus e foram esses que imprimiram o último vestígio africano na formação da nossa cultura.

O ritual cerimonial dos nagôs tem um grau menor do que o dos gegês. É, com efeito, o que melhor conservou seu caráter africano. Há maior

influência que os outros, como congo e angola. Os aspectos dos cultos nagôs e gegês no Brasil é que têm orientado as buscas na África nos lugares de origem, no Dahomej e na Nigéria. Os últimos escravos africanos chegaram à Bahia há 90 anos.

Não faltam exemplos de negros libertos que retornaram ao Brasil após vários anos, não somente com mulheres e filhos, mas também com seus próprios escravos domésticos e com suas divindades respectivas. No entanto, para continuarem seus batuques, aprovados pelo Conde dos Arcos, a constituição destas sociedades de diversão produziu como resultado a manutenção do culto das divindades africanas. Foi aí que esses negros foram batizados, mas continuaram com suas antigas crenças.

Estas sociedades permitiam-lhes manifestar-se no grande dia com seus cantos, suas danças, que, aos olhos dos próprios proprietários, passavam por simples distrações de negros, nostalgias. Eram, na realidade, reuniões onde se invocavam os deuses africanos. Quando o mestre passava perto de um grupo onde eram louvados a força e o poder vingados de Xangô, o trovão, ou Oiá, divindade das tempestades, e do Niger ou Obatalá, divindades da criação e que procurava a significação dos santos, recebia infalivelmente essa resposta: nós adoramos a nossa maneira e em nossa língua, São Jerônimo, Santa Bárbara, ou o Senhor do Bonfim. Cada divindade africana era assimilada aos santos e virgens da religião católica. E foi assim que, ao abrigo de um “sincretismo aparente”, as velhas tradições se mantiveram através dos tempos.

⁴ Palestra proferida, em 2 de junho de 2004, por Mãe Aida Martins e Antonio José de Lima Filho, Casa Africana Nossa Senhora da Conceição, de Canoas e Pai Dejaír Haubert, Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás, de São Leopoldo. Dolores Senhorinha Dorneles, Associação Africanista Santo Antônio de Categeró de São Leopoldo.

Todos estavam contentes: o governo por dividir melhor, por reinar melhor e assegurar a paz do Estado, os escravos por dançarem e cantarem as divindades africanas, por receberem louvores, e, os mestres, por verem em sua gente sentimentos tão católicos e renunciarem voluntariamente em nome da segurança.

Com o tempo, o sincretismo afro-católico, que, desde a origem, era uma máscara se tornou mais sincero. As novas gerações “crioulas” já consideram que o santo e o orixá são um e só o nome muda. Entretanto, conforme o lugar ou o momento, é bom dirigir-se a ele em latim ou em alguma língua africana.

2.2 Pai Dejair Haubert

Logo após a abolição da escravatura, Rui Barbosa mandou que queimassem esses arquivos, até para esconder essa parte de, vamos dizer, não negra, mas suja da história brasileira, que foi a escravidão, que primeiro marginalizou e maltratou toda uma nação. Na verdade, os únicos imigrantes que não vieram de espontânea vontade para o Brasil foram os negros. Eles vieram sob açoites e, com essa vinda, perderam toda a sua identidade, inclusive o próprio nome. Eles tinham que dar nove voltas numa árvore antes de embarcar no navio para esquecer de sua vida na África e assumir uma nova identidade.



Fig 5: Oferendas junto ao Pegê.

A única forma que o negro tinha para buscar a sua identidade, tinha um canal de acesso para

tentar se referir ainda à Mãe África que foi o culto aos Orixás. Então assim, o negro também conquistou o branco por meio da sua religiosidade. Primeiro dentro das próprias senzalas, as amas de leite, cuidando das crianças. Com esse cuidado, as crianças aprendiam a cultura africana, os seus ensinamentos, o seu tratamento. Os que elas ensinavam para os seus filhos, também ensinavam para os filhos dos senhores. Essas mulheres eram responsáveis por toda a formação, desde alimentação, hábitos alimentares, até questões de preces e devoções. Desse modo, houve a miscigenação. Há alguns anos atrás, quando íamos fazer certos cultos africanistas, às vezes, éramos perseguidos. Era normal, policiais entrarem a cavalo dentro das terreiras de umbanda e tentar prender todo o mundo, porque não entendiam, até achavam que era um culto satânico. Certos pais-de-santo tiveram que tocar batuque e fazer suas festas religiosas dentro dos presídios ou dentro das penitenciárias, porque eram marginalizados. As pessoas não entendiam que apesar desse culto aos Orixás, um culto africano, também temos a nossa crença cristã, porque nós, africanistas, acreditamos em Cristo. Uma fé não dispensa a outra, mas claro que jamais um africano ia cultuar um Orixá, “divindar” alguma entidade embranquecendo-a, se eles eram todos de origem negra. Então, até hoje nós continuamos com o sincretismo, acreditamos em todas as religiosidades. Nunca alguém ouviu falar de algum africanista, de algum africano, que tenha invadido algum templo, que tenha apedrejado alguma outra religião, porque o africanista é da paz, apesar de todo o sofrimento, de todo o ressentimento, nós não podemos culpar as pessoas atuais, responsabilizar por atos antigos.



Fig.6: Grupo de casa afro.

2.3 Espaço para Perguntas

Como acontece a hereditariedade na religião?

Pai Dejair Haubert: Acreditamos que nós não só herdamos a cor de pele de nossos pais, a cor dos olhos, a estatura, essa questão de DNA, como também acreditamos que herdamos o Orixá de nossos pais, então já vem essa herança para os nossos filhos.

Existe uma tendência de acabar com o sincretismo? Isso aqui no Rio Grande do Sul como é que está?

Pai Dejair Haubert: Existem duas facções. Há pessoas muito conservadoras que não querem e não aceitam de jeito nenhum. Hoje, nós podemos cultuar livremente os orixás sem que haja as imagens, mas outras pessoas acham que é uma tradição de 500 anos e que não se destrói de uma hora para outra, pois até o africanista crê muito no divino, independente da sua religião, nós somos devotos de Nossa Senhora, nós somos devotos de São Francisco de Assis, nós acreditamos que foram pessoas boas, que tiveram uma evolução espiritual, que fizeram alguma coisa muito sagrada e que devem ser lembrados. Então, não é conflitante para nós continuarmos cultuando, mas aqui no Rio Grande do Sul existem pessoas tentando abolir e certas Casas já não têm mais as imagens católicas dentro dos seus Pegês.

Eu não consigo nem entender isso separado porque é uma coisa que está muito entranhada, são 400 anos de história, como é que de uma hora para outra alguém com um decreto...

Pai Dejair Haubert: Não, mas esse decreto eu não acredito que vá acontecer, não tem como, porque a fé das pessoas já está embutida nelas. Elas não conseguem se separar disso tão rápido. Na verdade, aquilo que vivemos nos dias de hoje, um dos nossos rituais quando fazemos aquele passeio de apresentar os filhos, vamos até dentro das igrejas católicas para fazer reverência, rezar, bater cabeça. Isso faz parte do africanismo, esse entrosamento com o catolicismo. Em Porto Alegre, somos muito bem aceitos, em São Leopoldo também somos bem recebidos, existe mais problema no litoral,

nas igrejas lá em Tramandaí por causa das festas de Nossa Senhora dos Navegantes.

Eu gostaria de saber se essas energias vibratórias às quais foi dado o nome de Orixás, se esses Orixás, só existiam lá ou aqui nessa nova terra também existiam?

Pai Dejair Haubert: Se essas energias continuaram na África ou se vieram para cá? É que, na verdade, nós acreditamos que esses Orixás são as forças da natureza, então até numa folha existe a força de um orixá. Então, se existe uma folha aqui no Brasil, com certeza, essa energia existe aqui também, assim como a água. Acreditamos que o orixá é onipresente, está presente em tudo. Claro que dentro de cada cidade, de cada gueto africano, cada tribo, existia outro representante daquele orixá e alguns foram escravizados e trazidos para o Brasil, alguns desses representantes dos orixás foram trazidos em forma personificada, mas a energia vai existir sempre, mesmo onde não haja o culto aos orixás, nós acreditamos que essas energias estão lá representando os Orixás.

Vocês estavam falando em sincretismo, tem elementos de outras religiões além do catolicismo? E também do próprio sincretismo dentro das religiões afro-brasileiras, porque a maioria delas, até fala-se em Orixás da Umbanda, Orixás do Batuque, eu não sei se estou correto na minha afirmação, ou esse panteão é geral, todos eles estão vinculados às várias nações, tendências, vertentes?

Pai Dejair Haubert: Dentro da umbanda existem nomenclaturas dos Orixás, mas não propriamente orixás africanos. São caboclos que representam essas energias também, como nós estávamos falando, que recebem a mesma nomenclatura, mas não são os Orixás. Tem também dos índios, por exemplo, o caboclo de Ogum. Os caboclos vão receber nome de Ogum Beira-Mar, Ogum Sete Espadas, Ogum Sete Ondas, enfim, tudo em português. Já o Orixá, a nomenclatura que nós damos dentro do culto afro: Badei, Iraí, Bomatê, Adematê, Fumilaió, Irajé, Oniqué etc. (nomes de Ogum em orubá) são outros nomes que se dá ao Orixá Africano. É normal as pessoas

confundirem porque, assim como na da Mãe Aida, na minha casa, nós temos a parte afro e a umbanda, então as pessoas não conseguem identificar “Mas o que está acontecendo, é umbanda? É africanismo?”, as pessoas têm essa dúvida. Então eu sempre digo: as pessoas estavam cantando em português ou numa língua que você não entendeu? Se for em português, é umbanda. Se estavam cantando em outros dialetos que você não entende, é Nação, é o Batuque. Assim, mais ou menos eu coloco um ponto de referência para as pessoas. A umbanda é brasileira, é um culto de 100 anos.

Por que aqui no Sul, praticamente só no Rio Grande do Sul, nós denominamos o africanismo como batuque e praticamente de Santa Catarina para cima chama-se candomblé?

Pai Dejair Haubert: Eu acredito que essa nomenclatura é uma questão de identificação mesmo, porque tem lugares que chamam a nossa religião de Xangô, e Xangô é um dos orixás que nós cultuamos. Em outros lugares, têm nomes diferentes. Eu acho que é uma questão de identificação. O próprio dialeto virou identificação. Inclusive, por que nós chamamos de batuque? Por causa da batida do tambor, dessa referência, está batendo o tambor, está acontecendo um batuque lá!

Nós sabemos que a nossa tradição veio de tradição somente oral, a Mãe Aida já falou e nós sabemos também que toda teoria, toda a construção histórica, tanto da religião, quanto da questão do negro, ficou a mercê do próprio povo negro, principalmente das religiões. Estamos vendo aí que os autores que escrevam sobre as religiões afro são poucos e hoje como vocês estão vendo isso? As casas, os centros, as terreiras, estão tendo essa criatividade, essa iniciativa de formar filhos e filhas para a pesquisa, para a escrita, para poder estar também, conhecendo alguns autores, aprofundar, assim como faz o kardecismo, assim como fazem as outras religiões, ou então apenas saberem e conhecerem esses fundamentos por meio de autores negros ou brancos. Como vocês vêm isso nas casas de religião, há essa preocupação?

Pai Dejair Haubert: Cada Nação tem seus próprios fundamentos e fica muito difícil nós abrangermos essas informações porque podemos desrespeitar nosso irmão que é de outra Nação. Nós temos este cuidado. Agora, na minha casa, todo o primeiro domingo do mês, às 15h, temos uma reunião espontânea (só a reunião de diretoria é obrigatória por causa dos estatutos) para questionarem e passarem estes fundamentos, de haver essa troca de idéias e informações, de passar a cultura afro para eles. Vai do interesse do ser humano querer aprender, porque o que costuma acontecer, dentro das casas africanistas, é que eles querem saciar um problema básico, imediato e, quando resolvido, eles não querem saber de mais nada. Acredito que há uma grande dificuldade por não existir um livro, de não ter algo que seja tanto histórico quanto cultural, informativo, referencial... Hoje não existe uma publicação, uma edição. Acredito que, de repente, vai ter que vir alguém e fazer esta pesquisa e trocar informações e editar, eu acho que vai ser um livro bem vendido, principalmente aqui no Rio Grande do Sul. Cada casa tem a sua cultura, tem a sua feitura, tem os seus fundamentos. Eu acho que vai ficar uma mistura cada um passar seus fundamentos para um livro. Aí amanhã ou depois, ninguém precisa mais ter o pai-de-santo, vai lá e compra o livro e abre a sua casa. Para mim não serve isso.

Mãe Aida Martins de Lima: Se ensinarmos um filho a segurar uma galinha, ele não vai se contentar. Ele vai cortar a galinha, mas ele não sabe o que falamos, para quem pedimos, mas ele corta igual. É isso que estão fazendo por aí. Então o que acontece? Eles estão desmoralizando a nossa religião. Pessoas que estão entrando na casa de religião para endireitar a vida, a maioria deles são pobres, e as religiões hoje estão fazendo promessas.

O que pode acontecer com uma pessoa que não foi preparada para fazer o sacrifício e faz? Há um castigo se ela não foi iniciada para isso? No africanismo pode nascer uma pessoa iniciada sem precisar fazer alguns preceitos, já sabendo, como é no kardecismo, que a pessoa nasce e já é médium, já tem um

conhecimento dos espíritos e na umbanda e no africanismo tem isso?

Mãe Aida Martins de Lima: Ele não pode fazer, se faz está prejudicando a si próprio e aquela pessoa que está sendo uma cobaia.

Pai Dejair Haubert: Nós acreditamos que tudo que fazemos na religião tem um direcionamento. De repente, a pessoa vai tentar encantar

essa magia e pode complicar. Eu espero até que os Orixás sejam misericordiosos com aquele que está sendo “feito”, que é inocente e está entrando de gaiato na história e eu acredito que o Orixá não vai puni-lo. Mas a pessoa que está fazendo deliberadamente, acredito no castigo do Orixá.

4 Estudando as Religiões IV

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil⁵

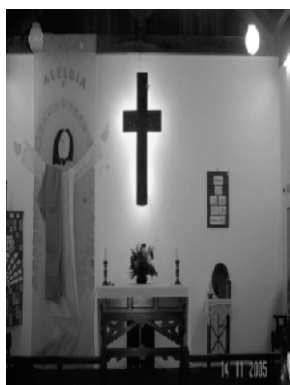


Fig 7: Altar, Cruz e Cristo Ressuscitado

4.1 Surgimento do Anglicanismo

O anglicanismo é uma igreja universal e sempre que se fala em Igreja Anglicana vem a história que consta nos livros, “A Igreja Anglicana foi fundada por Henrique VIII, rei da Inglaterra”. Esse é um fato controverso, porque este rei tem um papel nessa história, mas não como fundador da Igreja Anglicana. Quem fundou a Igreja Anglicana? Foi Jesus Cristo, como todas as outras. Conservamos toda a origem, a tradição apostólica, desde os primeiros tempos. Na realidade, como Igreja aqui no Brasil, somos frutos da expansão do cristianismo dos primeiros séculos, que alcançou as Ilhas Britânicas. Como o nome diz Anglicana tem a ver com inglês. Nossa origem está no cristianismo que foi para as Ilhas Britânicas, compreendendo naquela época não os países como hoje estão divididos, mas vários pequenos reinos onde hoje é a Escócia, Gales, Inglaterra e Irlanda.

Existem muitas suposições de como o cristianismo chegou à Inglaterra. Como todas as questões históricas, às vezes, não se tem tantas evidências documentais, mas muitas teorias.

No século III, o cristianismo chegou às Ilhas Britânicas. Nessa época, o território inglês estava dominado pela civilização romana, por toda a expansão do Império Romano, como parte de uma colônia romana. A teoria mais aceita é que o cristianismo conseguiu chegar lá levado por cidadãos romanos, seja por alguns soldados que já eram convertidos, como por comerciantes, até mercadores ou administradores que levavam à Colônia suas mercadorias.

Tertuliano, em 208, na Era Cristã, falava de regiões da ilha que havia se convertido ao cristianismo. Um registro mais explícito é que no ano 314 da Era Cristã, três bispos ingleses participaram de um concílio da Igreja Cristã em Arles, no sul da França. Isso evidencia que já existia uma igreja estruturada, e a presença desses bispos e seus companheiros mostra que a Igreja já tinha se organizado, embora não haja informações de que os bispos ingleses tivessem participado, por exemplo, do Concílio de Nicéia, em 325, que foi o que redigiu em quase sua totalidade o Credo Niceno que nós usamos.

No século V, os romanos abandonaram as Ilhas Britânicas motivados por invasões dos bárbaros, dos anglo-saxões, que as invadiram e destruíram praticamente todas as igrejas existentes, não restando quase nenhum vestígio do cristianismo, a não ser em dois pontos: no norte e na re-

⁵ Palestra proferida, em 7 de julho de 2004, por Jessé Castro Ramos, reverendo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, de São Leopoldo. O bispo primaz, Orlando Santos de Oliveira, acompanhou o palestrante.

gião sul da Inglaterra, que manteve dois núcleos cristãos funcionando.

Depois das invasões bárbaras, as Ilhas Britânicas foram divididas em reinos. Nesta invasão, foi praticamente destruída a existência, o funcionamento da Igreja durante 150 anos. Permaneceram dois grupos: No Norte, os celtas, que chegaram até a Península Ibérica, mantendo a fé cristã de uma forma bem peculiar, diferentemente da fé cristã de hoje do Ocidente. A tradição celta tomou muito das próprias religiões naturais deles, independente da fé cristã. Daí originou todas as histórias dos druidas, das religiões naturais, da natureza. Inclusive todo o simbolismo celta com uma forma gráfica bem particular. Alguns crucifixos celtas, reproduções antigas lembram muito os traços e os desenhos dos nossos indígenas, a forma redonda e circular de algumas coisas. Esses celtas influenciaram muito a tradição que permanece na Igreja Anglicana. Hoje, inclusive, existe, no mundo inteiro, e particularmente no mundo inglês, no mundo anglicano, um renascimento, uma redescoberta da espiritualidade celta, que é muito forte, muito ligada à natureza, muito peculiar. No Sul, na Cornólia, cantinho à esquerda das Ilhas Britânicas, perto do país de Gales, também permaneceu um núcleo durante todo esse tempo da dominação dos bárbaros. O cristianismo viveu, então, um tempo de muitas perseguições. Os cristãos foram obrigados a refugiar-se em regiões montanhosas, no país de Gales, e ali desenvolveram, então, esta Igreja da qual surge a liderança de duas personagens muito conhecidas: São Patrício, considerado o padroeiro da Irlanda, porque foi quem levou a Igreja para lá, e Columba. Os dois foram grandes santos e mártires da Igreja durante essa época.

Era a época de um Papa que tinha uma visão missionária muito grande, que adotou a tradição de influência de São Bento, que foi o Papa Gregório I. Este Papa foi chamado Papa Gregório, “o Grande”, que se notabilizou por ser um grande reformador litúrgico e implantou o canto gregoriano. Ele tinha uma visão missionária, e o instru-

mento da ação missionária do Papa Gregório eram os monges beneditinos.

Conta a história que ele estava num mercado em Roma de venda de escravos e viu umas crianças loiras também sendo negociadas, e ele perguntou “Quem são?” E alguém respondeu: “Angelus”. Ele perguntou: “Anjos?”. Uma espécie de troca de palavras. Isso despertou nele o interesse em mandar missionários para levar a fé cristã para as Ilhas Britânicas, então ainda ocupadas pelos povos anglo-saxônicos, germânicos pagãos. Enviou, então, Agostinho. Esse Agostinho, que é conhecido como Agostinho de Cantuária (não é Agostinho de Hipona que vem lá pelo século VI, filho de Santa Mônica, o homem da justificação pela fé, a doutrina da graça).

Gregório, então, enviou 40 monges para converter os invasores. Agostinho também foi, mas na metade do caminho, ele desistiu, pois percebeu que a tarefa não seria fácil. Resolveu, na segunda investida, começar a sua ação pelo sul da Inglaterra, pelo Reino de Kent, onde está situada Cantuária, que é onde está a sede espiritual da comunhão anglicana no mundo. Ali se formou a primeira diocese, sendo Agostinho, na tradição anglicana, o primeiro arcebispo de Cantuária. O rei das Ilhas Britânicas, na época, havia casado com uma mulher de origem francesa que já era cristã, mas não professava a sua fé. Começou a surgir uma missão romana, uma missão cristã da Igreja de Roma. Ao mesmo tempo que Agostinho começou a fazer a sua expansão de conversão, outras duas igrejas, que haviam sobrevivido, também iniciaram suas correntes de missão. São igrejas de tradição monástica, e o trabalho missionário era feito por monges. Chegou a um ponto que conviviam, nas Ilhas Britânicas, duas igrejas cristãs: as igrejas preexistentes, que se expandiram com uma forte tradição celta e a Igreja de Roma. É claro que houve tensões, porque a Igreja de Roma era mais forte, acabou se expandindo graças à própria expansão do Império Romano. Agostinho chegou em 597 da nossa era, mas não foi bem aceito. Sua presença lá, então, começou

toda uma tensão. Num dado momento da história, era preciso unificar essa igreja. Então acontece um Sínodo em Whitby, nas Ilhas Britânicas, em 664, onde foram discutidos muitos temas, como a Páscoa, a o batismo e a submissão ou não à Igreja de Roma, sob a jurisdição do Papa.



Fig. 8: Bispo de Cantuária.

Com o passar do tempo, depois de um outro Sínodo, em 673, o sínodo de Hertford, aconteceu a total submissão daquela igreja. Aquele cristianismo primitivo passou a pertencer à jurisdição do bispo de Roma, que era, na época, o Papa Gregório I. Começou a centralização da Igreja e uma espécie de regulamentação, já que a forma de existência daquela igreja era muito diferente da Igreja Romana. O bispo, na tradição celta, não tinha o poder do bispo da tradição ocidental da Igreja. A figura mais importante e fundamental na tradição celta era o abade do mosteiro, tanto que eram abades mitrados. Eles usavam mitra e báculo. Existiam também mosteiros femininos, com abadesas. A tradição da Igreja Celta era muito mais democrática e mais comunitária. Isso nunca foi aceito pela Igreja Ocidental, mas acabou a Igreja sendo submetida à Igreja do Ocidente. Isso seguiu por longo tempo até chegarem os ventos de reforma que aconteceram na Igreja. Esses ventos não sopraram só no Continente, mas a insatisfação da Igreja nas Ilhas Britânicas sempre esteve presente, pois eram muito nacionalistas e havia muita intervenção. Na história, a mistura da Igreja e do Estado, a imposição de normas, provocou desentendi-

mentos, como, por exemplo, a arrecadação de impostos para a Igreja de Roma. Cotas precisavam ser cumpridas, e isso gerava insatisfação com a Igreja de Roma nas Ilhas.

4.2 Os Ventos de Reforma

Essa insatisfação aflorou justamente quando os ventos de reforma começaram a soprar nas Ilhas Britânicas. Nesse momento, a figura de Henrique VIII apareceu como fundamental. Em 1534, Henrique VIII era o rei na época, quando começou uma série de dificuldades políticas, econômicas e na relação com a Igreja por razões de casamentos. Ele teve muitas mulheres, pois precisava de um herdeiro. As mulheres não conseguiam ter filhos e acabavam morrendo misteriosamente, ou ele mandava matá-las e não escondia isso. No entanto, ele queria a anulação de um de seus casamentos. Pediu, então, ao Papa que o anulasse, mas o Papa era parente de sua esposa e não deu a autorização para a anulação do casamento. Isso, de certa forma, foi a gota d'água que ele precisava para se ver livre da presença, do poder da Igreja de Roma dentro da Inglaterra. Foram várias as razões que levaram à separação da Igreja da Inglaterra da de Roma, entre elas, religiosas e econômicas. A partir dessa data, a Igreja da Inglaterra ficou separada da Igreja de Roma e da jurisdição papal. “Eu agora sou o cabeça da Igreja”, disse o rei. Este é um título que até hoje os reis ingleses possuem, de ser a cabeça da Igreja da Inglaterra.

Ao lado de tudo isso, existia também um movimento religioso de reforma. É preciso lembrar de Anselmo de Cantuária, que viveu no período de 1034 a 1109, que foi arcebispo e ele tinha, já na época, aspirações de que a Igreja pudesse se tornar nacional, que voltasse a ser uma igreja mais próxima de suas raízes. A Igreja cristã também vivia o seu período de crise. Particularmente, a Igreja que estava sob a jurisdição romana, que era a Igreja Mãe do Ocidente, vivia dificuldades teológicas que necessitavam urgentemente de uma revisão e de uma reforma. Já havia acontecido uma

divisão entre o Oriente e o Ocidente. Em 1054, a Igreja Oriental, também envolvida com questões políticas, se separou. Isso ocorreu em Constantinopla que hoje forma todas as Igrejas Ortodoxas (a Rússia, a Ucrânia, a Grécia). É todo um mundo cristão diferente da Igreja do Ocidente.

A Igreja, na Inglaterra, tornou-se autônoma da jurisdição de Roma e instaurou-se todo um processo de solidificação de uma reforma religiosa, porque Henrique VIII fez um ato político, mas a Igreja permanecia a mesma. Então, de 1509 a 1547, Henrique VIII conseguiu que a Bíblia fosse traduzida para o inglês, o que foi um grande avanço. Até então, a língua litúrgica, a língua usada, era o latim. Seu sucessor foi seu filho adolescente, o rei Eduardo VI, muito doente, que reinou de 1547 a 1553, com o qual começaram as mudanças litúrgicas. O marco dentro da Igreja Anglicana foi a Reforma Litúrgica em que ela simplifica toda a complicada e intrincada liturgia da Idade Média, colocando-a em primeiro lugar, na língua do povo; em segundo lugar, enfatizando a centralidade no uso da Bíblia, as celebrações e a leitura da Bíblia eram feitas na língua do povo. Surge o que em nossa tradição é muito importante, o livro de oração comum. Comum porque o fiel e o sacerdote usavam para rezar o mesmo livro. Não havia mais o domínio do clero sobre a liturgia, que era rezada em latim e o povo assistia à missa. Surgem os vários devocionais enquanto a missa era celebrada para o povo se ocupar e mesmo porque também, na Idade Média, a comunhão não era freqüente pelo povo.

Em 1554, Maria I, conhecida como Maria Sanguinária, reinstaura o domínio da Igreja Romana. A reconstrução da Igreja Anglicana nas Ilhas Britânicas aconteceu com a rainha Elisabeth I, que reinou de 1558 a 1603. Ela que consolidou a volta dessa Igreja, uma Igreja nacional, independente e que tinha algumas características próprias.

Houve, então, a transformação e o resgate de um cristianismo mais simples, mais primitivo, com algumas características, mas que mantinha uma unidade com a Igreja desde os primeiros tempos, a fé apostólica, mantendo uma tradição Católica num sentido universal.

4.3 Espaço para Perguntas

Qual a sua visão em relação à religião afro-brasileira?

Há duas dimensões. Primeiro, a Igreja cristã, durante muito tempo, usou de opressão contra toda expressão do culto afro. Em segundo lugar, eu acho que a Igreja cristã também, durante longo tempo, cometeu muitos equívocos na sua ação missionária quando foi a países da África, quando não respeitou nem a cultura, nem a expressão religiosa daquelas pessoas, assim como fez com as religiões indígenas que acabou dizimando.

Em um país como o nosso, onde há liberdade de culto, cabe que à Igreja cristã, a obrigação de respeitar as várias expressões religiosas que esse país acolhe, entendendo que há uma diversidade de relação com o sagrado e que nós não temos o monopólio da relação com ele. Às vezes, isso é difícil. Entendo que o diálogo inter-religioso tem caminhado muito, tem nos aproximado. O desconhecimento gerou muita ignorância e muitas acusações mútuas. Hoje é um direito, que precisa ser respeitado. As religiões cultuam toda a sua herança, também ancestral. São práticas que vêm de longos e longos anos. As pessoas têm o direito de se expressar. É preciso respeitar e entender que não é uma forma de nos ligarmos e estarmos em comunhão com a divindade. Isso acontece também na nossa relação com a religião judaica, a religião muçulmana, apesar de haver muitas tensões na relação com a muçulmana,

É claro que, em parte das igrejas cristãs, esse diálogo é impossível ou inaceitável. Parte das igrejas, e isso têm que ser dito, acha que esse tipo de expressão religiosa, seja afro, seja kardecista, tem que ser combatido, pois significa afastamento da verdadeira religião. Isso não significa, porém, a expressão de toda a Igreja, nem se tem visto nos documentos oficiais, nas consultas internacionais da comunhão Anglicana, uma postura documental de apostasia ou de colocar esse tipo de postura contra as religiões, mas apela para o crescimento do diálogo inter-religioso. Existem diálogos inter-religiosos concretos dos anglicanos com várias expressões religiosas, de procurar en-

tender essa expressão e não buscar mudar essas pessoas. Não se pode ir lá na África e dizer: “Você tem que ser cristão de qualquer jeito”. Você tem que respeitar a expressão de fé que lá se encontra.

Nesse caso, nunca haverá uma possibilidade... Por exemplo, a Igreja Católica faz um trabalho com a religião afro. No seu caso, nunca terá a possibilidade de fazer essa união, seria impossível?

Honestamente, no momento, eu acho um pouco difícil da parte da Igreja Institucional, mas a Igreja por meio de sua ação pastoral com muitos sacerdotes, tem já construído uma relação muito estreita, tem buscado inserir dentro da sua prática de culto, litúrgica, essa herança afro que, afinal, é parte de toda uma raça que se instalou aqui e que herdou isso. Nós temos muitos elementos dos cultos afros que foram inseridos dentro do contexto também, mas uma espécie de união. O diálogo inter-religioso é possível e está acontecendo em Porto Alegre nós temos um grupo de diálogo inter-religioso do qual fazemos parte. Dele participa a religião afro com budistas, judeus, muçulmanos...

Como o senhor estava falando, cada Igreja Anglicana tem uma autonomia, a partir do momento em que um bispo, um presbítero, um diácono da Igreja, não sei qual denominação correta, ele poderia estar aberto a ter um novo tipo de trabalho, atuar de uma maneira com maior liberdade dentro das comunidades conforme haja necessidade?

De acordo com o país, com a região, a Igreja se mostra mais aberta ou em alguns lugares mais fechadas. Por exemplo, quando foi implantado no Brasil o divórcio, a Igreja Anglicana do Brasil imediatamente acolheu isso e a Igreja Anglicana realiza o casamento de pessoas que se divorciaram, por razões que ela entende pastorais. Nós entendemos que essa pessoa, porque teve uma infelicidade, por razões várias, aquela relação se esgotou, mas ela tem direito de reconstruir sua vida com outra pessoa. Então, nós achamos que pastoralmente não deveríamos negar a possibilidade

dessas pessoas receberem a bênção da Igreja. No entanto, parte da comunhão anglicana, em outras partes do mundo, não aceita. Por exemplo, a questão da ordenação das mulheres foi uma coisa que criou uma polêmica na relação ecumênica. A Igreja Católica começou a “olhar feio”, a Ortodoxa nem se fala, diziam: “Com essa igreja aí vai ser mais difícil a nossa relação. Lidar com bispas, sacerdotes mulheres, é complicado!”

A história caminha e virá um tempo em que na Igreja Católica, Romana vai haver sacerdotisas, pois irmãs religiosas só faltam receber a ordem porque fazem todo o trabalho em uma paróquia. Há também as questões do ministério e do casamento. Não existe uma norma, mas como qualquer ser humano, pode casar, depende da pessoa, a Igreja não determina. Temos também ordens monásticas religiosas, mas aí é uma opção pessoal de alguém que vai buscar uma ordem, seja beneditina, seja franciscana, e quer viver a sua fé de uma forma consagrada.

Aqui no CONESUL, porque os hispânicos são muito machistas, então é muito difícil aceitarem a ordenação feminina. Em algumas partes da África também, há muita reação a isso, pela figura do patriarca, pela figura masculina no clã. Outro problema que a Igreja enfrentou na África foi a poligamia. Na África, existem lugares em que a Igreja Anglicana convive com a poligamia. É uma questão de entender toda a cultura, tudo o que significa para eles, diferentemente de nós, para o africano a poligamia tem outro sentido e é preciso respeitar! Isso é um problema muito sério para os missionários que chegam, porque eles querem levar a sua cultura, a sua forma de ser, e isso é um desastre! O respeito à cultura hoje é o grande tema, a inculturação. O resgate da cultura em todos os aspectos da vida da Igreja: no culto, na música, na liturgia, na sua forma pastoral.

A dimensão espiritual, a dimensão pastoral e a dimensão institucional, muitas vezes, se fecham numa rigidez muito forte, difícil de serem quebradas, de se adaptarem a uma realidade que mudou. Nós precisamos mudar, temos que falar para o ser humano do nosso tempo.

*Já existem dissidências dentro do anglicanismo?
Como o senhor vê isso?*

Já existem algumas igrejas que se formaram a partir de uma dissidência, ou seja, que saíram. Quando foi aprovada a ordenação feminina, muitos anglicanos não gostaram e muitos sacerdotes e até alguns bispos, inclusive, famosos saíram, como os bispos de Londres. Leonard foi para a Igreja Católica. E ele se submeteu pertencer à Igreja Católica, não como bispo, porque as suas ordens não são reconhecidas, pois ele não aceitava

a ordenação feminina. Alguns formaram algumas igrejas separadas, o que não é muito comum no anglicanismo, mas formaram, juntaram-se e acabaram criando uma, não proliferaram muitas. Aqui no Brasil, existe um grupo, numa diocese nossa no Nordeste. É claro que percebemos que esse sacerdote tinha uma marca muito personalista, era uma pessoa cujo ministério pastoral era centrado muito na pessoa. Essa tendência eu considero muito perigosa.

5 Estudando as Religiões V

História da Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Vale do Rio dos Sinos⁶



Fig. 9: Templo da Assembléia de Deus na Rua Bento Gonçalves, São Leopoldo

Vou partir do Salmo 133, do qual eu gosto muito, que diz: “Oh! quão bom e quão suave é que vivamos em união”!

Estamos aqui hoje porque queremos fazer parte também do avanço do diálogo e do respeito ao outro, em todos os aspectos, mas principalmente no que tange à nossa convivência fraternal, a despeito de tudo. Às vezes, porém, pensamos diferente uns dos outros e nem Deus interfere nesse aspecto. Deus sempre respeitou o livre-arbítrio do homem. Nós demonstramos com as nossas ações o desrespeito aos outros. Estou agradecido de estar aqui nessa oportunidade.

Temos como pano de fundo uma imagem do rio. Este rio para nós que estudamos a Bíblia, que fazemos teologia, é o rio mais importante da história. Ele é palco de grandes milagres (Josué 3). Existem dois fatos de grande relevância: primeiro, foi na época em que o povo de Israel precisava

passar aquele rio, e as águas estavam muito altas, com a água suja, turva e o povo precisava passar. Como aconteceu o milagre? Os sacerdotes pegaram a arca e levaram-na nos ombros, pois a presença de Deus estava dentro da arca e onde a arca chegasse o milagre estaria feito e quando os sacerdotes colocaram os pés na água, a água parou, fez montanha, e eles passaram em terra seca, e a Bíblia registra isso. Não é conto de fadas, é realidade. Segundo, foi o nosso Jesus glorioso sendo batizado nas águas do Rio Jordão. Foram dois milagres que ocorreram. Nós consideramos que esse é um rio histórico.

5.1 Surgimento da Igreja Evangélica Assembléia de Deus – IEAD

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus, no Brasil, está comemorando 93 anos, levando a palavra de Deus aos corações brasileiros, trabalhando, cooperando, evangelizando, sempre com respeito, que é um princípio nosso de respeito às pessoas. O nosso lema é esse.

No Brasil, nós temos datas diferenciadas, porque no Norte, especialmente em Belém do Pará, ela foi fundada em 1911 primeiro com o nome de Missão da Fé Apostólica. Logo depois, ela foi rebatizada, em 11 de janeiro de 1918, como Assembléia de Deus. Essa marca Assembléia de Deus é nossa no país, não existia nenhuma outra.

⁶ Palestra proferida, em 4 de agosto de 2004, pelo Pastor Adalberto dos Santos Dutra, pastor geral da Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

A Assembléia de Deus foi fundada por dois jovens que saíram da Suécia para os Estados Unidos, onde participaram de um Seminário Batista. Lá, com outros jovens, começaram um momento de oração a Deus, pedindo a bênção. Deus os abençoou, e um deles teve uma visão com a cidade de Belém. Eles não sabiam onde era e, procurando no mapa, encontraram Belém no Brasil.

Estes jovens, quando chegaram ao Brasil, foram acolhidos na Igreja Batista. Logo houve um movimento, um mover do Espírito Santo, e eles receberam uma promessa. Os batistas não quiseram aceitar e expulsaram os jovens. Foi nessa situação que fundaram a Missão da Fé Apostólica, que mais tarde se tornou Assembléia de Deus, como se denomina até hoje.

O casal de missionários, Gustavo e Elizabete Nordlund, veio, mais tarde, com uma missão específica para o Rio Grande do Sul. A Igreja já estava fundada, e eles continuaram a criar Assembleias de Deus no Rio Grande do Sul. No dia 19 de outubro de 1924, foi realizada a primeira reunião no Monte Serrat, em Porto Alegre. Numa noite de muita chuva, uma única pessoa assistiu à reunião. O homem estava bêbado, e a única porta aberta que tinha era daquela salinha. É uma história fantástica! O homem aceitou a salvação e dali para a frente tornou-se um fiel seguidor de Jesus, ele foi o primeiro membro nosso, batizou-se no mesmo ano. Assim começou a Assembléia de Deus no Rio Grande do Sul.

5.2 Assembléia de Deus no Vale do Rio dos Sinos

Em São Leopoldo, ela chegou no dia 15 de janeiro de 1936, pelos mesmos missionários. A nossa Igreja está situada na rua Bento Gonçalves e foi construída pelo missionário Gustavo Nordlund. A nossa igreja aqui é Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

Na parte da organização, temos CGADB: a Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil. Este é o órgão maior, ele é mais um órgão fraterno, que não delibera no que tange à admi-

nistração das igrejas, que são autônomas, devem atenção à Convenção Geral do Brasil. Esta convenção se divide em regiões do estado: Sul, Norte, Centro-Oeste etc.

Temos depois a CIEPADERGS: a Convenção das Igrejas Evangélicas e Pastores da Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Estado do Rio Grande do Sul. Ela possui uma diretoria estadual e todas essas diretorias são eleitas pelo voto do seu colegiado de pastores. A votação para a Convenção Geral e estadual é de dois em dois anos.

No estado do Rio Grande do Sul, existem 130 Campos Autônomos que são formados por pastores presidentes. Eles também têm a sua diretoria, presidida por um pastor e também fazem reuniões administrativas. Os Campos Autônomos são 130, o que representa, no Rio Grande do Sul, 130 pastores presidentes. Cada cidade tem um pastor presidente, dependendo da demarcação da sua jurisdição eclesiástica. A diretoria que nos assessora não é por eleição, é por indicação do presidente.

5.3 Obreiros da IEAD

Os **pastores auxiliares** ajudam na administração. Esses pastores não são muitos, e eles têm o direito de votar na Convenção. Eles são os homens credenciados para dirigir estudos, dar palestras, officiar casamentos, batismos, todos os officios da Igreja. Eles são officiais.

O **evangelista** é outro cargo importante. Ele também é um official, mas a sua função é diferente da do pastor. Ele é quem vai evangelizar. Todos conhecem ou ouviram falar de Bily Gran e Jimmy Swegger. Estes nunca foram pastores, mas homens de grandes mensagens. Eles precisam ter a mensagem de evangelização, aquela mensagem de impacto para a pessoa que ouve. Evangelista é aquele que convence a pessoa, que evangeliza.

O **presbítero**, ou pode ser chamado de ancião ou bispo, também é um official. Ele cuida mais da parte de visita aos doentes, inclusive, ele deve ter um ministério específico: ministrar a fé para os doentes. O presbítero é aquele que motiva a pes-

soa. Esse homem precisa ter essa vocação, ter o dom da oratória, saber comunicar-se bem, porque ele também pode officiar qualquer ato da Igreja, uma vez que o pastor o autorize.

Os **diáconos** são os primeiros que foram escolhidos depois que Jesus foi para o céu. O relato bíblico nos conta que os apóstolos estavam pregando quando começou um murmúrio porque as viúvas estavam abandonadas. Houve (está em Atos Apóstolos 6.1-7) uma reclamação e até certa pressão sobre os apóstolos, pois achavam que os apóstolos deveriam cuidar dessa área. Os apóstolos se reuniram e acharam que isso não era para eles. Acharam que deveriam ficar cuidando da administração da palavra, da orientação do povo e que era preciso escolher homens de boa reputação, de bom gabarito, fiéis, que realmente tivessem bons sentimentos para cuidar deste serviço. Encontraram sete homens que foram escolhidos para o trabalho de diaconato. Qual é o trabalho do diaconato? É cuidar da parte material, essa palavra “diaconato” vem do grego “diaconia” que quer dizer “cuidar da parte social”, dar assistência às pessoas desfavorecidas. Muitas comunidades presentes aqui têm aquele braço de ajudar as pessoas por meio de creches, de lares, isso eu sei que todos vocês fazem, assim como nós fazemos também. Felipe foi escolhido e depois se destacou com um dom extraordinário e tornou-se um grande evangelista. O diaconato, para a nossa igreja, é o primeiro degrau ministerial, mas muito importante.

Os **auxiliares** envolvem todas as demais pessoas, componentes de corais, componentes de banda, componentes de conjunto, recepcionistas. Todos esses estão na área dos auxiliares, que são pessoas também extraordinárias que prestam esse trabalho para a Igreja. Essa, então, é a nossa Ordem Eclesiástica.

No Brasil, a Igreja Assembléia de Deus tem 15 milhões de membros; no Rio Grande do Sul, 400 mil; aqui em São Leopoldo, 3.500. No Brasil, 25 mil pastores; no Rio Grande do Sul, 600 pastores, entre pastores presidentes e auxiliares, porque, na nossa hierarquia eclesiástica, o pastor é o cargo mais alto que temos. Primeiro o pastor presiden-

te, depois o pastor que tem funções na Convenção do Estado, depois funções na convenção do Brasil, eleva um pouquinho, mas o cargo de Convenção é transitório, mas o Ministério Pastoral não, esse é o ministério que nós temos sempre na nossa vida. Aqui em São Leopoldo, nós temos 12 pastores convencionais e depois temos outros pastores que são autorizados.

5.4 Departamentos e Missão

Temos também os departamentos, pois uma comunidade precisa ser dividida, subdividida e organizada em departamentos. O Departamento de Jovens, hoje, em São Leopoldo, tem 500 jovens atuantes. As senhoras que trabalham e participam são em maior número que os jovens, só o coral de senhoras colocou 300 vezes no último Congresso em São Leopoldo. Mudamos a nossa sede em São Leopoldo para a Avenida 8ºBC, número 694. Temos também, além desses, o Departamento da Escola Bíblica Dominical, dividida por faixas etárias: o Jardim de Infância, depois o Primário, de 6 a 8 anos; os Juniores, de 9 a 11; os Adolescentes, de 12 a 14 anos; os Jovens, de 15 a 17 e o Jovem-Adulto, mais de 19 anos. Esses departamentos funcionam com as suas salas, com as suas professoras, com seus alunos, especialmente no domingo para podermos transmitir a eles a palavra de Deus. Em dias de reuniões grandes, essas escolas também estão abertas, porque as crianças junto com os adultos não aprendem nada, então adotamos esta estratégia: nos dias das reuniões, eles também vão ter um trabalho, vão ter a sua escolinha para aprender lá.

Sobre o evangelismo e a missão, nós temos um trabalho internacional. A Assembléia de Deus do Rio Grande do Sul assumiu várias missões na África, cujos missionários são sustentados pela comunidade de São Leopoldo. O evangelismo e a missão são braços. Nós fundamos trabalhos no Uruguai e estamos pensando em entrar em outros países. O evangelismo e a missão incluem programas de rádio. Toda a parte da mídia está na evangelização e na missão. A Escola de Educação Teo-

lógica, a EETAD que oferece o básico em Teologia também faz parte deste braço. O curso de Teologia tem a duração de quatro anos, funciona por módulos, tem disciplinas como a Hermenêutica, toda a ciência da Bíblia, e também outras ciências, inclusive, Administração. É um curso bem amplo, não é somente centrado na Bíblia, fala também de como tratar problemas familiares, como resolver os conflitos de hoje que, como se sabe, são de grande dificuldade.



Fig. 10: Cartaz interno do Templo da Assembléia de Deus (São Leopoldo)

Há também a Escola Básica de Teologia que é um Seminário daqui criado por nós para falar para a família, para os jovens, para os líderes etc. Existe também a Faculdade de Educação Teológica Logos, que é um curso Superior de Teologia que também funciona por módulos, como uma graduação. Trabalha também a psicologia, a filosofia. Há também Mestrado nessa Faculdade.

5.5 Base Teológica

A nossa base teológica está fundamentada na Bíblia:

- um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12. 29) ;
- inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17);

- No nascimento virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34);
- Na pecaminosidade do homem que destituiu da glória de Deus, e somente o arrependimento e a fé na obra expiatória a redentora de Jesus Cristo que o pode restaurar a Deus (Rm 3. 23; At 3.19);
- Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para o homem digno do reino dos céus. (Jo 3.3-8);
- Na segunda vinda premilenial – invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da grande tribulação; e por último, visível o corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16,17; 1 Co 15. 51-54; Ap 20. 4; Zc 14. 5; Jd 14);
- No juízo vindouro, recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20. 11-15). E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

Sobre a **assistência social** hoje nós temos 13 Casas-Lares aqui em São Leopoldo; 18 crianças em cada; assistência à alimentação em diversos bairros. E agora lançamos este ano na Vila Paulo Couto a primeira turma do curso de tapeçaria. Construímos um templo novo e um salão simples para darmos curso e já formamos a primeira turma com nove e já há pessoas vivendo daquilo ali.

O objetivo da Igreja é: *“Ide, pregai o Evangelho a toda criatura”*, *“Quem crer e for batizado será salvo”* (Mc 16.15), *“A ordem imperativa de Jesus”*.

5.6 Espaço para Perguntas

Existem Assembléias de Deus fora do Brasil ou existe só no Brasil e foi fundada aqui com este nome?

Ela existe fora. A Assembléia de Deus aqui foi única e depois surgiu em outros países. Cada povo tem a sua cultura e os seus costumes e nós,

no Brasil, enfrentamos algumas dificuldades quanto a costumes, em outros países, por exemplo, na Europa, onde eu estive, é bem diferente, mas o fundamento básico é o mesmo.

A respeito do ministério, já existe o pastorado feminino na Igreja, que cargos a mulher pode ocupar na Igreja?

A Igreja Assembléia de Deus tem dado certo apoio às senhoras, às mulheres. Elas são muito atuantes, desempenham na nossa Igreja um grande e relevante trabalho. Na última Convenção Geral em Maceió, foi levado ao plenário da Convenção e foi discutido por meio dia o porquê, e ficou no porquê. Nós também estamos preocupados com o ministério da mulher na Assembléia de Deus. A esposa dos pastores, as pessoas chamam de pastora, porque na verdade é pastora, só que não tem aquele credenciamento, na prática já é, mas legalmente ainda não.

Como o senhor está enxergando a religião Afro?

Eu sou uma pessoa que leio um pouco da Bíblia, e Deus deixou para o homem o livre-arbítrio, então todos são bem livres. Entendo que não deveria existir uma lei para impedir certas coisas que vocês querem fazer. Eu acho que vocês são livres como qualquer outra Igreja. Se vocês têm lá aqueles rituais, é coisa de vocês, se vocês acham

que está certo, eu não vou dizer que não. Eu não gostaria que uma lei viesse me impedir de dar glória a Deus na minha Igreja, eu não gostaria e não iria ficar quieto também, pois é o que eu gosto de fazer. Faço o que gosto e entendo que a pessoa deve fazer aquilo que gosta, e a Bíblia diz que aquilo que traz paz, se o coração não condena, está em paz com Deus (Rm 5.1). Eu acho que vocês são livres.

A própria Bíblia traz que, no tempo de Cristo, se faziam sacrifícios!

Claro que existia, era um simbolismo. Esses rituais já existiam desde o Antigo Testamento. Para mim, vocês têm o direito de fazerem o que quiserem, essa é a minha posição.

Tem determinadas pessoas da Assembléia de Deus que nos vê como o demônio encarnado. Eu já ouvi pessoas olharem para mim e dizer: "Você é o demônio", e eu abaixei a cabeça: "Se acham que eu sou o demônio, então deixa assim". A minha preocupação também seria em relação à orientação dos pastores para que essas pessoas não tivessem esse conflito conosco, nós não queremos isso, queremos paz e também queremos o nosso cantinho.

Não são só pessoas da Assembléia que dizem, há pessoas de outras religiões que também dizem, vocês sabem disso.

6 Estudando as Religiões VI

História do Santo Daime⁷

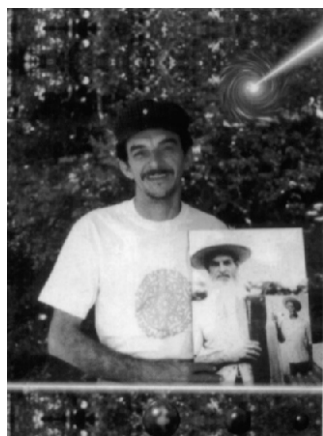


Fig. 11: Padrinho Alfredo, Padrinho Sebastião e Mestre Irineu (Santo Daime)

6.1 Surgimento

O Santo Daime é, *lato sensu*, parte do uso ritual da *ayahuasca*, que tem uma origem indígena milenar na América do Sul. A pessoa da qual nasceu a nossa forma de consagrar essa bebida (Santo Daime) é Mestre Raimundo Irineu Serra, maranhense. Até este ano, pensava-se que havia nascido em 1892, mas uma pesquisa recente feita por Florestan J. Maia Neto mostra que Mestre Raimundo nasceu no Maranhão, em São Vicente de Ferrer, em 15 de dezembro de 1890. Nasceu dois anos depois da promulgação da Lei Áurea. Era neto de escravos, sua mãe já tinha o benefício do ventre livre.

Mestre Irineu teve contato com a *ayahuasca* por meio do Centro dos Irmãos Costa, que é, historicamente, o primeiro centro de brancos que

usou a bebida, em rituais tipicamente ocidentais. Os irmãos Costa tinham, no Acre, o Centro de Regeneração e Fé (CRF) que atendia as pessoas que vinham do Nordeste para ocupar as terras no Acre e no Amazonas. A vida era uma batalha muito grande, e esse Centro de Regeneração e Fé usava a *ayahuasca* para curar as pessoas de doenças. Quando o Mestre tomou a bebida, teve uma visão de várias cruzes e pensou: “Bom, se ele trabalha para o mal e eu vi cruzes, que são coisas de Deus, de Jesus, alguma coisa está errada”.

Mestre Raimundo Irineu pediu a bebida para tomar em casa para ver o que ia acontecer. Ele tomou-a e teve a visão de uma senhora, que se chamou Clara. Essa pessoa falou que ele teria que ir para a floresta e ficar sete dias comendo apenas macaxeira, que é farinha de mandioca com água, sem sal, porque depois desse sétimo dia, tomando a bebida *ayahuasca* e comendo macaxeira, ele teria uma revelação. A macaxeira deveria ser insossa, sem sal. Esta senhora, que havia aparecido na visão, disse também que ele tinha uma missão na Terra com essa bebida e que tudo seria explicado depois dos sete dias. Mestre Raimundo foi, então, para a floresta e o companheiro dele, Antônio Costa, preparava a macaxeira sem sal e levava para ele na floresta. No sétimo dia, esse espírito da floresta, Clara, identificou-se como Nossa Senhora Conceição e falou que ele deveria ir para Rio Branco e levar a *ayahuasca* para aquela cidade, pois iriam chegar doentes para serem curados pela bebida. Assim nasceu a Doutrina do Santo

⁷ Palestra proferida, em 1º de setembro de 2004, por Rafael Gue Martini e Alancardino Vallejos, Associação Beneficente São Miguel – Igreja do culto Eclético da Fluente Luz Universal – Céu de São Miguel.

Daime, por meio dessa orientação do Mestre Irineu.

Nesse trabalho, no começo, o Mestre tomava a *ayahuasca* e concentrava-se. Recebia chamadas bem indígenas que ele mesmo entoava durante o trabalho. A partir de um certo momento, Nossa Senhora da Conceição falou: “Vocês vão começar a receber hinos que têm ensinamentos para essa doutrina”. Recebeu, então, o primeiro hino que foi “Lua Branca”, na década de 1930. A partir desse momento, o trabalho começou a ter essa característica musical, que é o traço principal da Doutrina.

Toda a doutrina do Santo Daime está nos hinos. Não existe uma literatura especializada, a não ser os livros de Alex Polari de Alverga, que viveu com o Padrinho Sebastião, seguidor do Mestre Irineu, fundador do CEFLURIS.

O hinário do Mestre foi montado durante toda a sua vida e contém 132 hinos, que são salmos e ensinamentos recebidos. Eram entregues durante o trabalho, ou em momentos de meditação em que ele tinha a inspiração, o contato com o divino proporcionado pela experiência de expansão da consciência.

A bebida Santo Daime difere da *ayahuasca* porque ela é rezada, ou seja, cantam-se os hinos durante todo o tempo de fervura da bebida, em um ritual que envolve intenso trabalho espiritual dos participantes.

O nome Santo Daime deriva do início da Doutrina, quando os participantes eram orientados a pedirem a Deus, por meio da bebida, o que precisavam: “Dai-me cura, dai-me amor, dai-me prosperidade”. A linguagem cabocla cunhou o nome usado até hoje. Como as pessoas pediam, tomavam a bebida, faziam os trabalhos e recebiam o que pediam, então, se popularizou com o “Santo Daime”.

O nome da nossa Igreja é Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal Patrono Sebastião Mota de Melo (Sapiranga – Picada Verão). O Padrinho Sebastião era um caboclo, mistura do brasileiro com o índio, e desenvolveu a mediunidade espírita, trabalhando com os espíritos Bezerra de Menezes e professor doutor Antônio Jorge.

O Padrinho Sebastião realizava trabalhos de mesa, trabalhos espíritas, recebendo espíritos para fazer curas. Ele ficou muito doente. Era uma doença do fígado e não houve médico que conseguisse identificar a doença. Ele ficou sabendo da fama do Centro do Mestre Irineu e foi procurá-lo. Na terceira vez, o Mestre disse para ele tomar o Daime e ir para o seu lugar. Ele teve uma visão astral de uma cirurgia. Os seres chegaram, ele saiu do corpo e ficou enxergando esses seres fazendo a cirurgia. Tiraram de dentro do fígado um besouro, um inseto de natureza espiritual e disseram: “Disso aqui você não morre mais, pode ir tranqüilo, seguir seu caminho”. Foi a partir deste fato, que ele se entregou para o trabalho espiritual com o Mestre.

Sebastião começou a receber hinos e autorização do Mestre para fazer Daime na comunidade onde vivia. Quando o Mestre faleceu, em 1971, o Padrinho Sebastião recebeu o hino “Levanto essa Bandeira”, uma espécie de declaração de que seria ele quem iria assumir o comando espiritual. Houve uma divergência com as pessoas mais antigas, e o Padrinho Sebastião se retirou para um trabalho próprio, na Colônia 5000, assim chamada porque custou cinco mil cruzeiros, uma pequena comunidade adquirida por alguns fiéis ao líder Sebastião.

Mais tarde, o Padrinho Sebastião foi para dentro da floresta com o objetivo de formar vida comunitária. A primeira tentativa foi no seringal Rio do Ouro, que o IBAMA cedeu. Construíram várias casas, tiveram muito trabalho. Depois o IBAMA pediu a terra de volta, alegando que ela já tinha dono. Recebeu outra terra, na margem do Igarapé Mapiá, onde o Padrinho estabeleceu sua nova comunidade, até hoje matriz da Doutrina e onde está enterrado. Quem quisesse tomar o Daime, consagrar essa força, ter acesso aos ensinamentos dos hinos, tinha que ir até a Amazônia. O Padrinho Sebastião, então, falou: “Nós vamos expandir, nós vamos sair daqui, vão chegar uns cabeludos, uns peregrinos e eles vão expandir a Doutrina”. E foi o que aconteceu. Lúcio Mortimer foi o primeiro hippie a chegar lá no Mapiá, buscando essa revelação espiritual. Essas pessoas conquistaram a confiança do Padrinho, e ele lhes

deu a missão de expandir o trabalho para os centros urbanos.

O Padrinho Sebastião faleceu em 1990, e o seu filho, Padrinho Alfredo, foi quem tocou a doutrina adiante. Hoje ele é o Presidente, o Mestre Imediato da Doutrina. O Padrinho Alfredo, como representante, como pessoa responsável, visita os centros filiados à Igreja regularmente. Seria, mais ou menos, como é a Federação Espírita. Temos no Brasil centros filiados ao trabalho a que o Padrinho Alfredo dá continuidade.

6.2 A Estrutura Administrativa da Igreja

A Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal, do Patrono Sebastião Mota de Melo, tem como Mestre Imediato Alfredo Gregório de Melo. O Conselho Superior Doutrinário avalia as questões da doutrina, tendo como membros vitalícios o próprio Padrinho Alfredo, Valdete, seus irmãos e a Madrinha Rita Gregório, viúva do Padrinho Sebastião.

6.3 Ayahuasca

A *ayahuasca* não é um alucinógeno, é um enteógeno. Qual é a diferença entre o alucinógeno e o enteógeno? O alucinógeno produz alucinações estranhas no indivíduo, “coisas” que não existem. O enteógeno suscita a experiência de Deus em si mesmo, ou seja, ele faz a pessoa interiorizar-se. O que ela enxerga não são alucinações, ela interioriza-se e enxerga a si mesma para crescer, avançar, tentar buscar um caminho, tanto espiritual quanto um caminho para a sua vida. O processo enteógeno permite o controle do indivíduo sobre o processo, a alucinação, não. Tanto que as pesquisas atuais comprovaram que, na folha da chacrona ou rainha, um dos componentes do chá, existe mais DMT, o princípio ativo que possibilita expansão da consciência, do que num copo normal de 100 ml de Santo Daime.

Existe uma publicação recente, organizada por Beatriz C. Labate, com o título *O uso ritual da*

ayahuasca. Este livro faz um retrospecto, desde o uso indígena da bebida. Conta, com base na visão antropológica, o uso que os índios faziam dela, que tribos a usam hoje, quais foram as primeiras a usá-la. Em seguida, avalia o Mestre Irineu, o seu trabalho e o trabalho do Padrinho Sebastião. Apresenta outras linhas, como a União do Vegetal (UDV), que também usa a bebida.

Em 1996, foi montada uma comissão multidisciplinar pelo antigo Conselho Nacional de Entorpecentes (CONFEN), para avaliar o uso da *ayahuasca*. Faziam parte deste Conselho antropólogos, cientistas que estudavam o seu efeito químico, e representantes da Igreja Católica. O CONFEN chegou à conclusão de que era possível liberar o uso para rituais, o “uso ritual da *ayahuasca*” no Brasil.

O Correio Brasiliense, jornal de Brasília, publicou uma matéria a respeito da liberação do uso da *ayahuasca*. Já existia, inclusive, uma Igreja do Santo Daime naquela cidade. A matéria foi positiva para nós, pois publicaram as informações que saíram no relatório com o título é “O Chá *ayahuasca* é inofensivo à saúde”:

A afirmação, com base em conclusões preliminares de pesquisa ainda inédita – e publicada com exclusividade pelo Correio Brasiliense -, é entre outras de duas instituições respeitáveis: Escola Paulista de Medicina, da Universidade de São Paulo, e Universidade da Califórnia (EUA). Segundo elas, o chá Hoasca (também conhecido como Ayahuasca ou Daime) que se supunha substância entorpecente, é inofensivo à saúde. O chá, segundo a pesquisa, assinada por algumas das maiores autoridades mundiais em toxicologia, etnobotânica, psiquiatria e psicofarmacologia, – entre outros, os cientistas norte-americanos Rick Strassman e Charles Grob – é, do ponto de vista toxicológico, quase tão inócuo quanto a água e bem próximo ao suco de maracujá.

As plantas utilizadas para fazer a bebida são a rainha, que é a *Psicotris Viridis*, de cujas folhas se faz o chá; o jagube, que é um cipó amazônico. Da mistura dessas duas plantas, o princípio masculino e o princípio feminino, os índios fazem seus rituais de cura ancestrais. O uso indígena dessas plantas também é para fins de conhecimento. Eles usam a *ayahuasca* para achar a caça na mata, saber a localização de uma pessoa perdida, para curar-se de doenças.

6.4 Os Rituais da Doutrina

Existem dois tipos de rituais: os espirituais e os sociais. O nosso livro de normas e de rituais é o único livro oficial da doutrina editado pela Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal. Ele ensina como abrir um trabalho e como conduzi-lo. O feítio envolve colher a planta e fazer a bebida, que também é um trabalho espiritual.

Os **hinários** são os trabalhos em que se cantam os ensinamentos de uma pessoa de grande vulto, no caso aqui o Mestre Irineu. São necessárias de sete a oito horas para cantar todos os hinos. Nesse tempo, passa-se por toda a experiência espiritual do Mestre que foi recebendo os hinos ao longo da vida. Vive-se vida da pessoa com a passagem dos cantos.

A **concentração** é o trabalho de cura deixado pelo Mestre Irineu. Consiste em cantar uma série de 12 hinos. Duas horas de concentração, em silêncio, sob o efeito do Santo Daime. Para introspecção, buscar o caminho, buscar a sua cura e mais alguns hinos para encerrar o trabalho. Ao todo são quatro horas de trabalho. O **hinário** é um trabalho bailado, e os **trabalhos de cura** são aqueles nos quais foram reunidos hinos pedindo cura para as pessoas. Na linha de cura, há os trabalhos do Padrinho Sebastião, do Padrinho Wilson, o trabalho de Cruzes, que são os específicos para buscar a cura das pessoas.

A **Santa Missa** é um trabalho feito em toda a primeira segunda-feira do mês, pedindo o encaminhamento das pessoas que já fizeram a passagem. É um trabalho curto, de umas duas a três horas.

Quanto aos rituais sociais, existe **fardamento**, no qual a pessoa que assume o compromisso com a Doutrina põe a estrela no peito. A farda é uma calça azul, camisa branca, sapato azul, gravata azul e essa estrela no peito de seis pontas com uma águia pousada sobre uma lua crescente. Com o fardamento, a pessoa assume o compromisso por meio desse ritual de colocar a sua estrela no peito.

Casamento e **batismo**, como em qualquer outra igreja, há um ritual que fazemos com o Daime.

Os hinários cantados são os oficiais para se cantar em cada data. Fora as concentrações que acontecem todo dia 15 e 30 e a Missa, que é na primeira segunda-feira do mês, há também uma série de datas comemorativas.

No ritual do **feítio**, o trabalho dos homens e o trabalho das mulheres são separados, porque a folha é o princípio feminino e as mulheres trabalham com a folha, os homens com o cipó. Então, coletar o jagube na floresta, a escovação, a produção de lenha, faz parte do ritual do feítio. A “bateção” é quando o jagube é cortado e tem que ser “batido” até desfiar.

Alancardino Vallejos: A Doutrina do Santo Daime não é bem religião, não é bem doutrina, não é bem seita e é, por isso, Culto Eclético. A preparação da *ayahuasca* funciona como a preparação da hóstia. Se pegarmos um pouco de farinha com água e fizermos um cozimento, não temos a hóstia, porque não passou pela consagração de um sacerdote. Essa é a diferença básica entre o Santo Daime e a *ayahuasca* ou *yagé* que os índios usam. Por quê? Eles cortam o cipó na floresta, juntam com a folha que eles colhem na floresta também, colocam numa panela, fazem o chá e tomam. Agora, o ritual do Santo Daime é mais complexo. Ele é aberto com um trabalho, cantam-se hinos e outros cantos durante todo o tempo que se está trabalhando, ou seja, este é o trabalho da consagração, da alquimia do Santo Daime.

Rafael Gue Martini: O feitor, a pessoa que faz o Daime, não pode falar, é silêncio absoluto. A pessoa precisa ficar quieta para escutar quando o Daime avisa ao feitor que está pronta a bebida. A pessoa vai até a panela e bate três vezes e as outras pessoas que estão em volta sabem que está na hora de retirar a panela do fogo. Cada pessoa, na sua função vai, retira a panela, põe para escorrer.

Também existe um trabalho social. Na Amazônia, é muito difícil chegar aos lugares. Há todo esse povo pobre que foi para lá com esperança... Nós sustentamos o trabalho deles de mandarem o Daime para nós, e também um trabalho social por meio da Cooperativa Agroextrativista do Mapiá e Médio Purus (COOPERAR), que é o agroextrativismo e a agrofloresta.

No ritual do hinário, a farda é branca. As mulheres usam coroa, uma faixa verde, umas alegrias, que são fitas coloridas, com as cores do arco-íris e um saiote verde. É a princesa, representando o comando da rainha da floresta.

O desenho da Igreja é sextavado. Em todo o trabalho feito, tanto sentado quanto de pé, os homens ficam de um lado e as mulheres do outro. Tem uma mesa no formato de uma estrela de seis pontas no centro, no meio, um cruzeiro. O movimento de bailado consiste num movimento como de uma bobina para fazer a energia fluir e distribuir para todos. Há três tipos de bailado: a marcha, a mazurca e a valsa. Cada hino é um desses três tipos de bailado e canta-se, e toca-se dentro desse sextavado da Igreja. Aqui na igreja Cruzeiro do Sul, no Cantagalo, em Porto Alegre, está sendo construída uma Igreja em forma de estrela.

Em Juruá, estão as novas comunidades. O Padrinho Alfredo, numa visão de expansão da doutrina, está organizando novas comunidades para desenvolverem esse trabalho de fazer o Daime, abastecer as nossas igrejas e também de preservação do meio ambiente. Incentiva as pessoas a permanecerem na floresta sem ter que cortar madeira, sem ter que explorá-la de maneira irregular para sobreviver. O Daime dá essa possibilidade, já que essas comunidades têm a tarefa de abastecer as igrejas que estão se expandindo pelo mundo.

6.5 Espaço para Perguntas

Todos os locais onde se realiza o ritual do Santo Daime, todas as igrejas têm exatamente o mesmo ritual? Eles não divergem?

Rafael Gue Martini: Na linha das igrejas filiadas ao Centro Eclético da Fluente Luz Universal, a nossa Igreja, tem havido poucas variações. No entanto, cada grupo tem suas características e acaba desenvolvendo mais certos aspectos do trabalho de acordo com a vocação local. Até porque existe um ritual estipulado, mas há espaço para incluir os aprendizados locais, os hinários de cada egrégora. No livro da Beatriz Labate, tem um flu-

xograma, um organograma que mostra uma gama grande de linhas com suas origens e desdobramentos. O próprio Alto Santo, onde se iniciou um trabalho do Mestre Irineu, apresenta diferença. Por exemplo, a mesa sextavada é da linha do Padrinho Sebastião, a mesa do Mestre era quadrada. Eu acho até que o Alancardino podia falar melhor porque já visitou várias igrejas.

Alancardino Vallejos: Por exemplo, a União do Vegetal (UDV), que usa o mesmo chá, tem outro desenho porque as pessoas receberam inspiração de outro Mestre, o Mestre Gabriel. Ele também recebeu como fazer o trabalho, com outros chamados, etc. A linha do Mestre Irineu tem pequenas diferenças da linha do Padrinho Sebastião, porque o Padrinho Sebastião, quando saiu, recebeu espiritualmente, por meio desse canal mediúnic, algumas informações, e isso se refletiu no trabalho. No entanto, há outras linhas, como a barquinha, por exemplo, cujo nome do chá também é Santo Daime, e eles têm um trabalho totalmente diferente. É mais um trabalho de mesa, um trabalho quase na linha kardecista, só que eles ingerem o chá. Como o chá causa uma expansão de consciência, facilita a comunicação com essa sutilidade do cosmos, vamos dizer assim, não só com os outros indivíduos presentes naquela sessão, mas até nessa relação passado-presente-futuro de cada pessoa, e é, por isso, que se fala em cura. O nome “cura” vem do caboclo da floresta, nós, aqui na cidade, evitamos usar esse nome para não confundir com alguma linha de remédio que possa conflitar com alguma ciência médica aqui da nossa sociedade estabelecida. Diz-se trabalho de cura porque muitas pessoas acabam recebendo informações que se projetam na sua vida beneficemente. As pessoas dizem “recebi uma cura!”, mas não é um remédio, não usamos o Santo Daime como remédio, mas como um sacramento. No Santo Daime, não se conversa, é muito pouco o que se conversa. Toda a informação, tudo que se precisa, está nos nossos hinários, assim como, por exemplo, as linhas evangélicas têm a palavra inspirada na Bíblia. Isso não quer dizer que não se leia a Bíblia durante as sessões do Santo Daime, também se estuda a Bíblia,

mas estuda-se o Mahabaratha, estuda-se o Espiritismo, o *Livro dos Espíritos*. Em suma, o número de informações que a doutrina possibilita, por ser eclética, é muito grande. Essa diversidade permite-nos atingir uma pessoa, outra e outra, cada uma dentro da sua subjetividade, da sua personalidade, das suas questões pessoais.

A minha pergunta é a respeito dos símbolos, como a mesa sextavada e a estrela de seis pontas. Isso tem algum significado específico, representam alguma coisa esses símbolos na religião do Santo Daime?



Fig 12: A Cruz de caravaca e a Comunidade (Santo Daime)

Alancardino Vallejos: Tem uma representação sim. O Mestre Irineu, quando recebeu a doutrina, adotou o santo cruzeiro, a cruz de caravaca como símbolo da doutrina, que ele recebeu espiritualmente. A cruz de caravaca é uma cruz que foi conhecida pouco depois do ano de 1200. Quando ele espiritualmente começou a trabalhar, viu que a aliança entre sol, a lua e as estrelas eram as forças que regiam a Terra e até hoje nós sabemos que a lua tem essa influência, o sol também tem etc. O Padrinho Sebastião era muito mediúnico. Ele era um médium de mesa, começou trabalhando mediunicamente. Ele teve uma passagem muito forte com uma entidade espiritual, que lhe pediu que fizesse um trabalho chamado “trabalho estrela”. Foi a partir de então que surgiu a idéia de fazer-se a mesa estrela, que na linha do CEFURIS é uma estrela, na linha do Mestre não, a mesa é retangular. Há outras linhas em que a mesa é quadrada. Então, na mesa da linha do CEFURIS, do Padrinho Sebastião, adotou-se esta figura da estrela, que é a mesma que o Mestre Irineu implantou nos seus fardados ainda quando ele estava vivo. Então talvez o Padrinho Sebastião tenha tido uma inspiração espiritual

com relação à estrela do Mestre, mas, com certeza, também por influência dessa conversa espiritual que ele teve com essa entidade.

Rafael Gue Martini: São vários simbolismos. Como não tem nada que diga “é isso”, “é aquilo”, o folclore do Daime tem várias informações. Eu já ouvi que o Mestre teria dito que o cruzeiro também significava a postura que o homem deve ter: o ombro e os olhos alinhados, com o pensamento elevado. O ser humano é uma cruz de caravaca.

Uma vez que a religião é baseada nesse chá, como se faz com as crianças, elas não podem freqüentar a religião? O que entendi é que para entrar na religião tem que assinar um termo de compromisso... E as crianças?

Rafael Gue Martini: Normalmente as crianças são filhas das pessoas que participam. Os pais são responsáveis pelas crianças. Elas tomam de conta-gotas e só nos hinários, trabalhos que exigem concentração não se levam crianças. Só vai se a criança é um pouco mais velha e já tem aquela capacidade de concentrar-se. Mas é de conta-gotas, é em poucas doses, mas como a Aline falou, tem pessoas que usam o Daime para fazer o parto, tem uma parteira da doutrina que já fez vários partos com resultados fantásticos de diminuir a dor.

Alancardino Vallejos: Com relação às crianças, foi realizado um estudo com as crianças do Céu do Mapiá que participam da Doutrina com os pais, os avós, todo mundo tomando o Santo Daime. A conclusão a que se chegou foi que, apesar de viverem na floresta, longe dos grandes centros urbanos, longe das grandes informações de massa, são crianças que têm uma evolução espiritual e mental mais apurada que aquelas de muitos núcleos das cidades grandes onde o ensino é muito mais apurado. Esse estudo já foi feito, já tem até um parecer que foi o que levou o CONFEM, hoje SENADI, a reestudar várias questões. Eles disseram que não tem problema para a criança. Nenhuma criança do Mapiá tem problema de psicose, tem problema de esquizofrenia, pelo contrário, mostraram-se crianças com uma alta capacidade de assimilação e um grande potencial

comunitário, ou seja, crianças voltadas para a caridade apesar de pequenas, ajudando os outros. Lá chegam muitos estrangeiros, e as crianças também se dispõem nesse trabalho com os estrangeiros a orientar os adultos.

Como na nossa doutrina, o ensinamento está todo nos hinos, gostaria de oferecer, em homenagem a vocês que vieram até aqui, agradecendo a presença, para consagrar esse momento, um hino para terem uma idéia de como é o nosso ritual.

6.6 Hino do Padrinho Alfredo Gregório de Melo

143. Cristo Redentor

Em homenagem vou cantar este presente
Em união para todos compreender

Lembrando a Lua e a luz do Sol nascente
Sentido o mar e as montanhas perceber
Saúdo a todos que se fazem aqui presentes

Rogando a Deus para todos entender
Que o tempo é chegado para todos
Filhos de Deus que desejarem aprender

Esta força é viva no espírito
De cada um que em matéria está vivendo
Somente Deus é quem domina todos os seres
Juntinho à Mãe sabe o que está fazendo

Eu agradeço a Jesus Cristo Redentor
A Virgem Mãe com carinho e com amor
Ao Mestre Império, ao Senhor São Irineu
Meu Pai e eu e todos que acreditou

Eu arremato agradecendo à natureza
Esta beleza que o vento me soprou
Louvado sejam sempre os seres divinos
Dou viva a Deus aos pés do Cristo Redentor

7 Estudando as Religiões VII

Igreja Católica, Apostólica, Romana: Igreja Católica: Alguns apontamentos sobre sua história, estrutura e identidade⁸

Tenho uma grande alegria em poder ocupar este espaço do *Estudando as Religiões* para falar, em forma quase testemunhal de minha religião, a Igreja Católica, Apostólica Romana⁹. Dirijo-me especialmente aos líderes e seguidores de outras religiões. Peço desculpas aos católicos, por ser repetitivo para eles.

A Igreja Católica trabalha muito com imagens e dá muita importância à visualização dos seus símbolos religiosos, às suas expressões religiosas, às imagens de santos. É o motivo por que estou iniciando esta minha fala com a tela repleta de imagens multicoloridas.

Estou vendo que chamou a atenção de alguns uma imagem... É!. É uma imagem muito curiosa, que eu encontrei em Louvain, na Bélgica. Encontra-se na Catedral de Louvain. Essa imagem mostra a avó de Jesus tendo em seu colo, sua filha Maria, a mãe de Jesus, e esta, por sua vez, tendo Jesus no colo: Santa Ana, Santa Maria e o Menino Jesus.

7.1 Bases Gerais

Nós podemos fazer uma leitura da Igreja, da sua história, da sua estrutura e identidade, com base nas imagens que conhecemos. O que apresento aqui é apenas uma mínima amostra disso.



Fig. 13: Eucaristia – Hóstia Consagrada

Eu poderia destacar diversos aspectos. Alguns de vocês estão percebendo, na pequena amostra de imagens aqui apresentadas, a começar pelas fotos do episcopado, da reprodução de imagens como a de Santo Agostinho (bispo, doutor da Igreja), de São João Maria Vianney (o Santo Cura D'Ars), padroeiro dos padres e dos párocos. A Igreja Católica é de uma estrutura eminentemente clerical.

Grande parte da história e da doutrina da Igreja pode ser vista desenhada nos vitrais das igrejas (templos). Os vitrais assim desenhados foram, ao longo de séculos, um excelente meio didático e catequético para difundir a doutrina e a história da Igreja. Neles muitas cenas da história da salvação são narradas.

Entre as imagens apresentadas, eu fiz questão de trazer à memória, as que dizem respeito, às as-

⁸ Palestra proferida, em 13 de outubro de 2004, por Pe. José Ivo Follmann.

⁹ Agradeço ao meu colega Pe Carlos Vianna SJ, doutorando em Teologia, pelas idéias e subsídios que forneceu em diversos aspectos teológicos desta minha fala.

sim consideradas duas grandes separações da Igreja. O primeiro grande cisma, o chamado cisma oriental, que foi no século XI, e o grande movimento liderado por Lutero, que foi no século XVI. Apesar das separações acontecidas, a Igreja Católica, contrariamente ao que muitas vezes é dito, não é uma estrutura monolítica quanto à explicação doutrinal e à organização. Existem vários pontos em que não há apenas uma versão. Existem dentro da própria Igreja, explicações da doutrina ou práticas da fé que não são uniformes.

A Igreja Católica historicamente sempre demonstrou grande apreço pela assim chamada “admissão universal”. Aliás, o termo “católico” significa universal. A admissão universal leva também ao que existe muito acentuado na Igreja, que é a sua tendência ao centralismo doutrinário e hierárquico. Para poder manter uma unidade universal, é necessário, segundo se entende, esse centralismo doutrinário, esse cuidado, essa vigilância central com relação à doutrina.

Evidentemente que, no breve espaço de tempo, que aqui temos, não vou poder entrar nas diferenças que existem, na complexidade que é a Igreja Católica e como ela se expressa historicamente dentro das diferentes culturas, nas muitas tentativas, que foram feitas e estão sendo feitas. O que talvez seja importante esclarecer aqui é que existem verdades da fé de diferente universalidade, isto é, existem aspectos que são exigências necessárias e fundamentais para todos em todos os tempos e lugares e existem outros aspectos que podem sofrer adaptações.

A religião católica, assim como as demais Igrejas dentro do cristianismo, cultiva e transmite a fé em um Deus, dentro da mesma tradição da fé monoteísta, das assim chamadas religiões abraâmicas (referência ao Patriarca Abraão): o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. No cristianismo, Deus se revela, de maneira especial em Jesus de Nazaré como verdadeiro homem e verdadeiro Deus, e na força do Espírito Santo.



Fig. 14: Santa Ana, Nossa Senhora e o Menino Jesus.

A imagem de Jesus no colo da sua mãe, que por sua vez está no colo da mãe dela, expressa este lado do “verdadeiro homem”.

Jesus de Nazaré mostrou o desejo de ver a sua missão continuada por um grupo de seguidores. O número dos “doze apóstolos” é importante como simbolismo do novo Povo de Deus, povo que abrange tudo, transfigurado na missão e na identidade de Jesus. Entende-se que os sucessores dos apóstolos são os bispos. Para a Igreja Católica, os bispos são os sucessores legítimos dos apóstolos. Dentre os apóstolos, Pedro recebeu do próprio Jesus uma missão especial de liderança. Nisso reside o centro da afirmação da Igreja Católica de que o continuador do chefe da Igreja é o sucessor de Pedro, o Bispo de Roma, o Papa.

A organização hierárquica da Igreja gira em torno do Papa e da Cúria romana: a Cúria romana simboliza o lado institucional, burocratizado da Igreja que acumula dois mil anos de existência. É notável que os papas ultimamente mostrem um anseio muito grande de sair de Roma e ir ao encontro dos diferentes povos. Deixar, de certa forma, a Cúria romana onde ela está, e entrar em contato vivo com os demais bispos e suas realidades, manifestando-se como líder espiritual no pastoreio em todo o mundo. O Papa é um bispo entre os bispos. Ele não é o Bispo do mundo, é o Bispo de Roma, que se relaciona com os demais bispos, como líder religioso. O Papa não representa uma categoria especial na hierarquia, ele é um bispo, o Bispo de Roma, que tem autoridade espiritual sobre toda a Igreja Católica, isso por-

que, pela tradição, Pedro escolheu Roma como lugar para seus últimos dias. Os padres são auxiliares dos bispos. Na Igreja Católica, desde o século IV, o clero (bispos e padres) é celibatário e masculino. O celibato entrou na Igreja, segundo informações históricas, só no século IV.

A Igreja Católica é uma igreja episcopal na sua estrutura hierárquica, ela é episcopal romana. Quando se fala Igreja Católica, Apostólica, Romana, se quer dizer isso, pois os bispos são os sucessores dos apóstolos. Algo importante na Igreja é a organização regional dos bispos, o que hoje se chama conferências episcopais. Uma das conferências mais atuantes no mundo foi por muito tempo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, criada em 1952. Vocês todos devem ouvir sobre as atividades da CNBB no Brasil.

Chamo a atenção para uma publicação que traz uma informação bastante completa sobre o clero e as atividades da Igreja no Brasil. Trata-se deste volume enorme (mostra a publicação) que é o Anuário Católico do Brasil. Nele encontramos a nominata de todo o clero (bispos e padres), de todos os religiosos, alguns dados estatísticos. É uma publicação do Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social (CERIS), ligado à CNBB.

A relação entre a Igreja universal (orientação de Roma) e as igrejas particulares, que são as dioceses em suas diferentes realidades, nem sempre é totalmente tranqüila, e as conferências episcopais exercem um papel importante na mediação e na preservação da unidade na diversidade. Isso nem sempre é tão óbvio assim. Durante o papado de João Paulo II, por exemplo, as conferências episcopais foram bastante esvaziadas de sua autonomia e houve uma maior centralização. Eu entendo que é algo que deve ser recuperado, para o bem e o dinamismo da Igreja.

Aspecto importante na Igreja Católica, em sua história, são os mosteiros, as congregações religiosas e as ordens religiosas. O sistema monástico se desenvolveu há muito tempo na antiga Igreja, com base na vida dos eremitas. Hoje existem inumeráveis mosteiros, congregações e ordens religiosas masculinas e femininas. Conhecemos congregações e ordens religiosas com os mais diferen-

tes carismas e formas de engajamento da missão da Igreja. Eu coloquei detalhes de três religiosos: Francisco de Assis, Inácio de Loyola e Teresa de Calcutá.

O conceito católico de salvação é o mesmo seguido por todas as igrejas do cristianismo. Segundo este conceito, o homem foi criado à imagem de Deus: alma eterna e livre-arbítrio. O homem abusou do livre-arbítrio: pecado. Cristo é o redentor do homem na sua vida, paixão, morte e ressurreição. A redenção não é imposta, mas acontece como ação conjunta entre Deus e o homem.

Não se pode falar da Igreja Católica sem falar dos sete sacramentos, que talvez sintetizem a experiência de Deus. Os sacramentos da Igreja são apresentados como dons de Deus para a santificação de seu povo. O Concílio de Trento, de 1545 a 1560, definiu os sacramentos em sete. Eles acompanham a vida do cristão do nascimento à morte. Os três primeiros sacramentos são os de iniciação cristã e de cultivo da fé: o batismo, a confirmação e a eucaristia. São aqueles que acompanham o rito de entrada na fé e de cultivo da fé. Existe uma grande insistência pastoral para que as pessoas sejam bem preparadas para os sacramentos. Isso gera de imediato a pergunta: e o batismo de crianças? Trata-se de uma prática tradicional na Igreja Católica, mas ela não exclui o batismo do adulto. A Igreja ainda aceita batizar crianças, sempre aceitou, por causa da disposição e promessa dos pais em educar a criança na fé católica. A prática do batismo da criança está baseada nesta disposição dos pais, fora disso ela não deveria ser adotada. Deve-se ter em mente que o modelo exemplar de batismo é o de adultos, com a aceitação consciente do caminho de Jesus.

Se a prática do batismo de crianças é bastante associada à Igreja Católica, o mesmo deve ser dito da prática da missa. “Ser católico” lembra “ser de missa”. A missa católica é algo da cultura, até se dá comumente o nome de missa a celebrações que não têm nada a ver com a celebração da eucaristia. O que é a missa? A celebração da eucaristia, como um serviço divino. Este serviço desempenha papel fundamental na Igreja Católica. É um serviço divino e, segundo o catecismo romano, o

fiel deve assistir à missa todo o domingo. As partes da missa são: o ato penitencial, o louvor, a oração, as leituras bíblicas, o sermão, a recitação do credo, a oração dos fiéis, e o clímax de tudo, a própria eucaristia, com o momento do ofertório, seguido da grande oração eucarística e concluindo com a comunhão. Nos diferentes tempos do ano litúrgico, são utilizadas cores diferentes nas celebrações litúrgicas.

Aliás, há algum tempo atrás, fiz uma experiência interessante. Antigamente havia, na Igreja Católica, a prática da mesa da comunhão, onde as pessoas se ajoelhavam para receber a comunhão, diretamente na boca. Numa ocasião, neste ano, fui participar da celebração da eucaristia na Igreja Episcopal Anglicana e lá revivi a minha infância, pois lá reencontrei essa mesma prática. (Isso não significa que a Igreja Episcopal Anglicana seja mais conservadora. Trata-se de uma casualidade. Eu quero chamar a atenção para a grande semelhança no ritual, sobretudo entre a Igreja Católica e a Igreja Episcopal.)

Além dos sacramentos da iniciação e de cultivo da fé, temos os sacramentos da cura e os do serviço. Os da cura são: o sacramento da reconciliação ou confissão e o da unção dos enfermos. Está em jogo a cura do corpo e da alma. Trata-se de conforto físico, sobretudo no caso da unção dos enfermos, e espiritual, na confissão e na unção. Os sacramentos do serviço e da comunhão são a ordem e o matrimônio. Para a Igreja Católica, o matrimônio é indissolúvel, uma vez celebrado com validade. Só com processos de invalidação de matrimônio, pode-se dissolvê-lo. Quando celebrado com validade, ele é considerado indissolúvel. Segundo a norma da Igreja, portanto, não há possibilidade de celebrar-se um segundo casamento, a não ser que a pessoa esteja viúva ou que o casamento não tenha sido válido.

Além dos sacramentos, existe, na Igreja Católica, a figura dos sacramentais, que podem ser símbolos, cerimônias de bênção, outras práticas. Os sacramentais não têm, em si, nenhuma fundamentação bíblica. Eles foram introduzidos pela própria Igreja ao longo da história, muitas vezes tomando emprestado de outras culturas e de ou-

tras religiões. Eles ajudam, pela cultura católica, a reforçar e estimular a própria fé.

7.2 Identidade

A identidade católica pode ser assinalada em quatro traços definidores. A Igreja Católica se reconhece como una, única, como Igreja que quer andar na unidade de todos os que seguem o caminho de Jesus na verdade de sua doutrina e de seu exemplo. Ela se vê como santa, isto é, fundada no Espírito de Jesus, ela é santa na sua constituição, embora pecadora como realidade humana. Ela se autodenomina católica porque considera que nela Cristo está presente, é católica porque Cristo veio para todos, ela é católica porque é enviada em missão por Cristo à universalidade do gênero humano. Ela é universal. A Igreja Católica identifica-se como apostólica por ser fundada sobre os apóstolos, no seu testemunho, na palavra, no ensinamento e até no sangue dos apóstolos derramado por causa da defesa da verdadeira fé. Os sucessores dos apóstolos são os bispos. Esses são os traços definidores característicos do que se pode dizer da identidade católica.

7.3 Os Fundamentos

Quais são os fundamentos? As Sagradas Escrituras, a Bíblia Sagrada e a Tradição. Trata-se da doutrina e dos costumes transmitidos pela Igreja, desde os apóstolos, sempre sob a vigilância do poder central da Igreja. Esta vigilância é importante na tradição católica. Existe um cuidado muito grande para que, nos aspectos centrais de doutrina, não haja dispersão e por isso é uma estrutura forte centrada no Vaticano, com as diferentes congregações, os secretariados, sobretudo a Congregação da Doutrina da Fé, que faz um trabalho muito grande, eu diria assim, de vigilância e controle da doutrina.

Os principais veículos dos fundamentos são a própria Bíblia e as fórmulas oficiais dos credos, que sempre se repetem nas celebrações.

A Igreja Católica professa a comunhão dos santos, ou seja, para ela, a unidade da fé ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço. Nisso está baseada a veneração e a devoção aos santos que foram modelos para todos os cristãos. A Igreja não se vê como só reduzida aos que ainda estão vivos, mas ela se vê também como comunhão dos santos, todos aqueles que já passaram e que estão na eternidade. Às vezes, fala-se na Igreja triunfante, na Igreja padecente e na Igreja militante. A Igreja dos santos, os santos que já estão na eternidade, a Igreja daqueles que estão se purificando e a Igreja daqueles que estão fazendo a história. Trata-se de uma só Igreja, em três categorias, por assim dizer.

Maria tem uma centralidade muito grande na Igreja Católica. Ao longo de sua tradição eclesial a Igreja Católica, entre todos os santos, possui uma especial devoção à Maria, mãe de Jesus. Para nós católicos, Maria está intimamente ligada à história, à história da salvação e o seu “sim” é modelo para todos os discípulos. A Igreja Católica professa alguns dogmas, verdades de fé, que estão relacionados à vida e ao papel especial de Maria no plano de Deus. Por exemplo, professa o dogma da maternidade virginal de Maria, que se conservou por meio do parto. Aqui o sentido é mais crítico do que mariano, pois diz respeito à ordem divina do verbo encarnado. Quer dizer, o cultivo, a atenção à maternidade virginal de Maria, esse dogma é afirmado para mostrar claramente que Jesus Cristo, que o verbo encarnado, tem origem divina e não-humana. Tem também o dogma da Imaculada Conceição, que afirma que a própria Virgem Maria foi preservada do pecado original e ainda o dogma da Assunção de Maria aos céus, antecipando assim o destino de toda humanidade seguidora do Mestre. O que se quer demonstrar com esses três dogmas? O primeiro afirma a divindade de Cristo, o mesmo acontece com o segundo, e o terceiro afirma a nossa ressurreição. No catolicismo popular, a figura de Maria é muito respeitada, pois se considera a sua experiência de dor e sofrimento, que a torna muito próxima de todos os devotos, especialmente os pobres e sofredores. Já se fizeram esforços para entender o que está por trás dessa devoção e muitas interpre-

tações dizem que Maria encarna um pouco toda essa dor humana, o sofrimento. Isso fala muito fundo ao povo. (O centro do cristianismo, e também da Igreja Católica, está na ressurreição de Cristo. Se não se tem isso como central na fé cristã, todo o resto, evidentemente, não faz sentido).

As Comunidades Eclesiais de Base certamente são manifestações muito interessantes hoje do catolicismo. Aliás, não só do catolicismo, pois elas acontecem em diferentes igrejas dentro do cristianismo. São comunidades, eu diria assim, que se organizam na base, sem a interferência dos pastores, do clero etc. A Igreja Católica é muito clerical, de cima para baixo na sua estrutura, e as Comunidades Eclesiais de Base são manifestações diferentes do que a Igreja sempre foi, ao longo da história. Por isso, chamaram tanto a atenção nas últimas décadas, sobretudo aqui no Brasil. Elas têm um componente novo, interessante aqui na América Latina, refletindo a opressão vivida pelo povo, com base na teologia da libertação. Refletem sobre os problemas vividos pelo povo, tentando retomar a boa nova de Jesus Cristo, com essa contribuição das ciências humanas que ajudam a entender melhor o que está acontecendo com a história atual e como se deve promover a libertação do povo. A Igreja não veio só para trazer a mensagem da vida eterna, mas ela está aí para ajudar o povo a libertar-se das opressões, aqui e agora. A mensagem da teologia da libertação foi marcante para a Igreja Católica e outras igrejas cristãs ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, no Brasil.

Junto com a lembrança das Comunidades Eclesiais de Base, quero trazer, para encerrar este primeiro momento, antes de abrir a palavra para todos, alguns pontos do ensino social da Igreja. Acho importante mostrar isso para sublinhar um aspecto fundamental da identidade da Igreja Católica. Quais são as fontes do ensino social da Igreja Católica? Em primeiro lugar, a fonte está na Sagrada Escritura. São inúmeras as passagens da Sagrada Escritura que inspiram diretamente o ensino social da Igreja. Eu selecionei três referências do Novo Testamento que, para mim, são emblemáticas. Em primeiro lugar, a referência de

Mateus 25:40 “Tudo que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos a mim o fizestes”; a outra é de João 9:11 “Aquele que quiser ser o primeiro entre vós, seja o servo de todos” e a de Lucas 20:25 “Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Outras fontes para o ensino social da Igreja estão nos “Padres da Igreja”, escritores eclesiásticos entre o século II e o século V. Várias linhas temáticas importantes aparecem aí, por exemplo: “Não se pode separar fé da caridade dos pobres”; “Predileção da Igreja pelos pobres”; “Não somos donos, mas administradores dos bens”; “Todos os bens da criação se destinam a todos os homens”; “O homem tem uma natureza social, é chamado a viver em comunidade”; “Todos os homens temos uma igualdade básica”; “A propriedade privada sem respeito pelo destino universal de todos os bens para todos os homens é fonte de egoísmos, de ilusões e exploração”; “A participação de bens é uma exigência de justiça para cumprir o destino dos bens criados, quem não remedeia a fome é homicida”; “Alguns ajudam um pobre, mas empobrecem cem”; “Quando se dá esmola se devolve ao pobre o que lhe pertence, é portanto obra de justiça”; “A misericórdia com o pobre é justiça”.

Quais são as mediações do momento para o ensino social da Igreja? Além das fontes conhecidas e codificadas com precisão, ele necessita da mediação das ciências humanas e da experiência de cada povo. Eu destacaria três elementos fundamentais: o clamor dos pobres, ou seja, este contraste ético que está aí sempre presente na história; os movimentos sociais que existem e que se expressam das mais diferentes formas; as ciências humanas, o próprio conhecimento da realidade.

Quais são os principais documentos pontifícios do ensino social? Leão XIII, *Rerum Novarum*; Pio XI *Quadragesimo Anno*; João XXIII, *Mater et Magistra*; Paulo VI, *Populorum Progressio*. Depois temos os documentos de João Paulo II, que são vários, mas cabe destacar *Laborem Exercens* e, por fim, os documentos da CNBB, sobretudo os seguintes: *Reflexão Cristã sobre a Conjuntura Política*; *Por uma Nova Ordem Constitucional*; *Igreja,*

Comunhão e Missão na Evangelização dos Povos no Mundo do Trabalho, da Política e da Cultura; *Exigências Éticas da Ordem Cristã*. Infelizmente precisamos passar para o segundo momento, talvez aí possamos retomar ou ampliar aspectos que não puderam ser suficientemente explorados.

7.4 Espaço para Perguntas

Por que a Igreja Católica cultua, ou, pelo menos, demonstra importância para a cruz, que seria um objeto de tortura utilizado pelos romanos?

Pe. José Ivo Follmann: Exatamente, a cruz é um instrumento de tortura. Era considerado o mais ignominioso da época. O que faz a cruz se tornar para os cristãos, não é só para os católicos, mas para o cristianismo em geral, algo tão central, exatamente porque pela morte na cruz entrou a salvação no mundo. Segundo a doutrina cristã, Cristo morreu na cruz, ele se submeteu a essa tortura, ele se rebaixou até o mais extremo da miséria humana e daí ele alcançou a glória, não só para ele, mas para toda a humanidade, por isso a cruz é o símbolo central. Para o cristianismo, é símbolo de redenção de toda a humanidade e não de tortura.

Como o senhor acha que caminham algumas questões? Peço uma opinião pessoal mesmo sua, sobre algumas questões, como, por exemplo, o celibato, a ordenação feminina?

Pe. José Ivo Follmann: O celibato, por exemplo, na minha opinião, a rigor não tem fundamentação bíblica ou bíblico-teológica. O celibato tem uma fundamentação muito mais, eu diria, cultural, administrativa. Entrou na história no século IV e foi sendo justificado pela sua praticidade para tornar o clero mais liberado para a missão, liberado, sobretudo, da carga da família. O argumento é que ser responsável por uma família tornaria o clero muito fixo, pouco móvel. Ou então a ligação afetiva por alguém poderia atrapalhar a dedicação ao serviço divino. Todos esses argumentos foram sendo trabalhados, foi sendo construído um argumento interessante, mas teologi-

camente não há fundamentação nenhuma na Bíblia para o celibato do clero e não teria nenhum mistério se amanhã ou depois viesse um decreto determinando a liberação do celibato. Isso não causaria nenhum choque maior na teologia da Igreja no geral. Causaria choques culturais nas comunidades, evidentemente.

Como o senhor vê o ecumenismo nesses tempos, porque tem havido, a gente vê na imprensa, um reaquecimento das vocações nos seminários, um certo crescimento nesse sentido, mas, ao mesmo tempo parece, pela relação que eu tenho com outros padres aqui em São Leopoldo mesmo, tenho o testemunho de que essas vocações novas nem sempre estão abertas ao ecumenismo como a Igreja foi na década de setenta, oitenta, no tempo das Comunidades de Base, no ápice dessa luta pela teologia da libertação e tudo o mais. Parece que nessas novas vocações se nota um certo retrocesso na caminhada do ecumenismo. Como o senhor avalia isso?

Pe. José Ivo Follmann: Houve passos grandes da Igreja Católica com relação ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, sobretudo marcado pelo Concílio Vaticano II. O Concílio Vaticano II deu um salto de qualidade impressionante nessa temática na Igreja Católica, cuja presença nesses órgãos, como no Conselho Mundial de Igrejas, não é como membro oficial. Quanto à segun-

da parte da pergunta, realmente é um fenômeno interessante de estudar-se, inclusive, essa tendência de que alguns grupos integrantes do clero, que atualmente estão entrando, estarem manifestando certo retrocesso com relação a isso e outras coisas... Estaria sendo afirmado um certo integrismo católico? Eu não cheguei a entrar nessa temática toda. São tendências fortes do catolicismo ao longo da história. Em diversos momentos, manifestaram-se mais claramente os integrismos. Quer neles afirmar a Igreja Católica como a única, o único caminho etc. Talvez tenha algo a ver com os movimentos carismáticos. Existe hoje na Igreja um movimento muito forte que se manifesta de diferentes formas que é o chamado Movimento de Renovação Carismática. Trata-se de uma espécie de pentecostalização de setores da Igreja. Eles se distinguem do pentecostalismo evangélico porque afirmam com muita ênfase a autoridade do Papa e a devoção à Maria e o cultivo à presença eucarística fora da celebração. São três aspectos característicos da identidade católica, manifestando, ao mesmo tempo, um desejo forte de assegurar uma identidade, o que também demonstra uma clara rejeição do outro. Eu sempre digo que, para haver diálogo inter-religioso, é necessário o cultivo da identidade, mas é necessário, sobretudo, o respeito pelas identidades dos outros.

8 Estudando as Religiões VIII

História da Umbanda¹⁰

Mãe Águida Guiomar Pires: Os agradecimentos, primeiramente a *Zambi* (Deus), à Preta Velha Zimba do Congo, pela oportunidade de ser umbandista. É uma luta de quase 30 anos, o que é muito pouco ainda para essa existência. Venho palmilhando, buscando, pesquisando, perguntando por que estou aqui. Por que vim? O que aconteceu? De onde vim? E com isso, há 13 anos, fundamos o nosso templo de Umbanda.

Começamos o trabalho primeiro em hospitais, em lares, sistema domiciliar. Após a abertura do nosso Centro em São Leopoldo, iniciei a busca e o conhecimento, que ainda está no início, sobre a Umbanda, uma religião brasileira, “a religião brasileira”. Qual não foi a minha satisfação ao perceber que a minha mediunidade estava sendo encaminhada para este segmento religioso e que realmente eu poderia levar um pouco de amor, de fraternidade e de caridade para as pessoas que precisassem ou que estivessem à nossa volta.

Pelo que estudei sobre a Umbanda, os seus caminhos se plasmaram no plano material por meio de uma organização astral onde nós, ainda em nossa forma grotesca como médium, estamos buscando aprimorar para estarmos aptos a transmitir os ensinamentos que estes espíritos passam pelos médiuns de Umbanda.

Umbanda, uma religião de cunho mediúnico. Portanto, uma religião dinâmica, em que o médium umbandista, devidamente preparado, estará levando conhecimentos diferenciados às pessoas que o procuram.

8.1 Surge uma Religião no Brasil

Temos como marco da Umbanda no Brasil, 1908, em Neves, Niterói, antigo estado do Rio de Janeiro, onde um jovem de 17 anos recebeu uma energia especial, diferenciada. Com o passar do tempo, a Umbanda foi montando a sua história, foi levando para dentro da casa do médium Zélio Fernandino de Moraes grande número de pessoas, adeptos de todos os níveis sociais, pessoas mais humildes, não fechando suas portas a quem pudesse passar e entrar. Ali começaram a participar pessoas que já possuíam um caminho religioso. No Brasil desta época, a religião dominante era a Católica.

O médium Zélio incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, como ele mesmo se denominou. Era um índio, um espírito de muita luz. Possibilitou que descendentes de escravos adentrassem e fizessem com ele, com o médium, um caminho paralelo de encontro, de trocas. Isso já estava também no astral, uma egrégora espiritual trabalhou para isso. Por isso, tivemos desde o início da Umbanda, um grande número de descendentes de escravos que trouxeram de suas linhagens, seus antecessores, o ensinamento sobre a religião dos Orixás, os africanos e suas diversas nações, reunindo com grande dificuldade, tentando preservar o seu culto a qualquer sacrifício. Levaram então para a casa de Zélio Fernandino de Moraes os primeiros conhecimentos sobre os Orixás. Este trabalho foi lento, pois a maioria das pessoas que ali adentrava pelos mais diversos mo-

¹⁰ Palestra ministrada, em 3 de novembro de 2004, por Mãe Águida Guiomar Pires e Cacique Elói Saldanha, Templo de Umbanda, Pesquisa e Iniciação P. Preta Velha Zimba do Congo.

tivos, tinha como a sua religião base o catolicismo. Levaram, então, para dentro deste culto, os anjos, os arcanjos, os santos católicos e, com o seu ápice, Jesus Cristo. No entanto, a Umbanda veio através de um médium, já que, lá na França, já existia o Espiritismo, trazendo a terceira revelação para o mundo. A Umbanda dá segmento a um caminho espírita, uma vez que traz para seus estudos a reencarnação, a lei de causa e efeito, a lei do carma.

O sincretismo, que fez brotar em solo brasileiro a religião de Umbanda, colaborou e cooperou com o dom que cada ser humano recebeu ao nascer ou ao renascer nesta terra. Só crescemos quando nos unimos e podemos então deixar aflorar alguns dos nossos dons. A imagem clássica que temos de Zélio Fernandino de Moraes é uma foto, com a idade de uns 60/70 anos e fez-se uma alusão aquele espírito de luz que chegou neste médium no dia 15 de novembro de 1908.

Faz 96 anos que iniciou com ele, que reiniciou, esta caminhada umbandista para cooperar, colaborar e colocar mais um caminho básico de conhecimento para que as pessoas pudessem ter acesso a ela. Então, essa força de sabedoria milenar, que veio do velho mundo, nos trouxe uma figura singela de um preto velho numa linha original, chamada linha de *Yorimar*. Essa força mágica trazia conhecimentos de terras africanas, veio mostrar que a Umbanda trabalhava com forças energéticas da natureza que produziam, através de espíritos afins, determinados fenômenos que interagiam com o ser humano.

Esta imagem é do Caboclo Sete Encruzilhada que nós temos lá no nosso Templo, onde recebemos desta maneira e conservamos até hoje.



Fig. 15 Preta Velha Zimba do Congo

O hino umbandista foi criado na década de 1960 por um senhor cego, que entrou no terreiro de Umbanda, buscando as curas de que ele tanto ouvia falar. Tentou curar-se da cegueira, porém, por orientação do espírito e sua condição cármica, não haveria cura nesta vida. Mesmo assim, apaixonou-se pela Umbanda e percebeu que poderia colaborar com o que conhecia, a música. Fez, então, uma música que, posteriormente, foi levada à apreciação do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Em 1962, passou a ser o Hino Oficial da Umbanda.

Os médiuns do nosso Templo se posicionam com a mão direita sobre o peito e voltados para o Congá (Altar) cantam o Hino à Umbanda.

8.2 Os Fundamentos Umbandistas

Os principais fundamentos umbandistas, aqueles que realmente dão a força propulsora a esta religião, estão dentro de um “setenário” místico, divino e dele determinadas energias vão se agrupando e colaborando com essa força que, aos poucos, estuda-se, desenvolve-se e conhece-se. Temos como base principal este “setenário”, o ápice dessas sete linhas energéticas da Umbanda. Iniciando por Oxalá, esse triângulo umbandista com o círculo e a cruz, onde está o divino, a Lei Única, divinizada, pura. Nós, para essa apresentação, colocamos junto os chacras, que são pontos energéticos do corpo físico e que estão situados em determinados corpos etéreos que nos envolvem na nossa aura. Por meio dessa relação e do trabalho com os médiuns é que vamos conseguir sentir essas energias. O chacra de que estamos falando está na parte superior da cabeça, é o coronário, responsável pela recepção de informações astrais cósmicas. Por ele recebemos os conhecimentos e os estudos dentro de um contexto.

Temos ainda Yemanjá. Orixá muito conhecida no Brasil e fora do Brasil. Tem como seu ponto de atuação energético as águas, a linha das águas salgadas. Sua relação com o chacra no corpo físico está na região da testa, entre as sobrancelhas e que é conhecida pela sua vidência. Conhecida no Egito como o olho de Hórus ou a terceira visão.

Em seguida, nós vamos para a linha de Xangô, que está relacionada ao equilíbrio, à justiça, a uma força da natureza muito grande que é a busca do equilíbrio psíquico, mental, com um equilíbrio astral. A correlação que fazemos com Xangô é no chacra do plexo cardíaco, que tem como força a energia de Nous, uma energia equilibrada que distribui o sangue venoso e o sangue arterial por todo o corpo, equilibrando o corpo físico.



Fig. 16: Caboclo

A linha de Oxóssi está ligada direto à linha das matas. Os nossos caboclos, que vêm trazer firmeza aos médiuns, desenvolvidos para serem firmes, perseverantes em sua busca dentro da Umbanda. Está relacionado com o chacra esplênico, na região do baço.

Ogum, Orixá conhecido no Brasil e fora do Brasil, cultuado, sincretizado com São Jorge. Encontra-se em relação com o chacra na região umbilical, onde está seu ponto de energia.

Na linha de Yorimá, nós temos rosários, cruzes, tipos que correspondem aos elementos dos Pretos Velhos, Dona Zimba quando (porque eu não estou representando a Umbanda, eu estou representando o meu Templo, P. TUMPIZ), na primeira incorporação, (há trinta anos), solicitou alguma coisa para escrever e fez este símbolo, o “P.”. O “P.”, em toda incorporação ou trabalho que efetuávamos, sempre vinha após a incorporação. Por isso, deixamos para a linha de Yorimá ser esta a representação da linha de Pretos Velhos. Tem relação com o chacra genético, a origem, que tem a sua concentração de maior energia na coluna vertebral, relacionado também ao estudo de Kundalini, que ativa esta energia, espalhando por todo o corpo uma energia especial.

Também temos a linha de Yori, que eu deixei por último porque está na região da laringe e relaciona-se com o chacra laríngeo, e está presente pela sua pureza em todos os trabalhos que o umbandista executa. Normalmente, quando em transe, ou incorporado, o médium modifica a sua voz, sua emissão do som e, como este chacra está justamente na região das cordas vocais, todo médium em seus trabalhos modifica, mesmo que seja um pouquinho, a sua tonalidade vocal.

8.3 A Preparação do Médium e seu Desenvolvimento

A preparação do médium e seu desenvolvimento vem trazer a condição de poder realizar os seus trabalhos e caminhar religiosamente na Umbanda no sentido de ascensão.

Na preparação de um *amaci*, as ervas são maceradas de acordo com o Orixá ou com a entidade com que este médium vai trabalhar. Temos velas na cor do Orixá, a chama da vela, o fogo. Trabalhamos com os quatro elementos da natureza. São pronunciadas algumas palavras referentes àquele Orixá que estamos invocando para fazermos essa chamada lavagem de cabeça. Na realidade, as ervas têm fins específicos dentro da Umbanda. Depois de feito o *amaci*, os médiuns agradecem, concentrados em sua linha energética. Esse trabalho nós realizamos também na preparação do médium porque é necessário termos equilíbrio, estarmos tranquilos. Somos aparelhos rudimentares e estamos tentando passar um pouco desse conhecimento que as entidades nos trazem, um pouco dessa sabedoria em seus graus diferenciados. Quanto mais elevada essa entidade, mais difícil a nossa captação. Dessa forma, os médiuns precisam da harmonia, da tranquilidade para se sentirem mais plenos, perceberem melhor estas vibrações.

Na preparação e desenvolvimento do médium, temos trabalhos realizados no mar. Nós temos uma entidade chamada Marinheiro de Aruanda, na linha de Yemanjá. Os Orixás agregam espíritos afins para um trabalho com os médiuns que po-

dem recebê-los. Temos um trabalho na mata, nos rios e nas cachoeiras, onde são feitos os cruzamentos dos médiuns iniciantes ou numa situação na qual é necessário para a feitura de Cacique de Umbanda.

O Exu é um agente cármico, infelizmente é pouco compreendida a sua atuação. Ele assusta pela correlação com o diabo católico, com o diabo das religiões tradicionais. O Exu tem a sua atuação como agente cármico para equilibrar, trazer-nos a condição de realizar a nossa caminhada e, ao mesmo tempo, irmos reparando erros cometidos em vidas pretéritas. Aprendemos, na Umbanda, que o amor de Deus é único, é o amor universal, não aprendemos que Deus castiga e também não aprendemos que o Exu castiga. Aprendemos que o Exu é um agente necessário, um agente cármico para que possamos reparar, reestruturar a nossa situação como almas, para posteriormente, então, estarmos com o nosso espírito preparado para alçarmos outros vôos. Da mesma fonte, dos sete triângulos evocatórios, estão representados os sete Exus principais, os sete Exus da Lei, que se multiplicam de acordo com a sua área de atuação. Quanto mais profunda, na crosta terrestre, a sua atuação, mais esta fonte se desdobra para que assim possa atuar. Então, sete, sete vezes sete, depois quarenta e nove vezes quarenta e nove, são agentes cármicos palmilhando todo o nosso caminho espiritual e terreno.

8.4 As Oferendas

Oferecer, na Umbanda, tem a finalidade de agradecer, pedir, ou, simplesmente, doar. Na Umbanda, não fazemos sacrifício de animais. Hoje, a oferenda pode ser desde a prece ao nosso Orixá, a outros Orixás ou ao espaço maior, ou à Aruanda, como é chamada a egrégora responsável, onde ficam os mentores da Umbanda. Temos oferendas para as sete linhas, para Exus e para as sete vibrações, o setenário divino, onde, nós costumamos realizar as oferendas, mas, claro, ela diversifica de templo para templo. Utilizamos velas, flores, legumes, elementos da natureza para essas

oferendas. Nessa ritualística, podemos perceber que o médium, aos poucos, vai absorvendo, trazendo para dentro dele uma organização, uma estrutura para no futuro atuar, porque, se não houver, no sistema uma ritualística, essa organização, perde-se tempo, dispersam-se determinadas energias que estão ali para atuar em prol das pessoas que buscam ajuda do próprio médium. É necessária esta ritualística porque o médium preparado pode mentalmente fazer contato com a espiritualidade. Na Umbanda, o médium aprende a realizar determinados ritos e, com eles, procura uma maneira de trazer energias com mais facilidade para junto dele mesmo.

8.5 As Ervas

As ervas possuem os mais variados fins na Umbanda. Vai desde a receita de um Preto Velho para um chazinho até a de um caboclo que conhece muito bem o bom resultado que as ervas trazem. Através de reencarnações, espíritos que já viveram nesta terra, que passaram pelo Planeta e pela crosta terrestre, hoje estão nos auxiliando em nosso conhecimento e na nossa adaptação nesta religião. Essas ervas servem também para emplasto, banhos, descarregos, defumações, principalmente quando secas. É necessário que o médium tenha muito cuidado com as ervas e a sua preparação, porque elas preparam o médium, iluminam sua aura, deixando-a propícia para o trabalho espiritual.

Os cânticos na Umbanda ou pontos cantados são utilizados em nossa casa. Quando nos referimos aos Caboclos, empregamos alguns termos indígenas, mas cantados também como termos africanos. Na sua grande maioria, porém, são cantados em nosso idioma.

8.6 A Percussão

Lembramos que a Umbanda é sincrética e que esse sincretismo nos trouxe alguns conhecimentos sobre os Orixás, que são os Sete Orixás de Lei.

O que acontece? A Umbanda passou a ter, em sua ritualística, a presença de danças para os Orixás e também de cântico, com o tambor ou atabaques, o maracá etc... Tudo isso foi acontecendo aos poucos, na história da Umbanda que ela está montando ainda. Existem templos em que não utilizam instrumentos de percussão.

8.7 Os Materiais Usados

Os materiais são usados de acordo com a entidade. Elas solicitam para sentirem-se mais próximas de quando ainda viviam aqui na terra. Existem materiais que são empregados em todos os templos: os pontos riscados (simbologia umbandista) nos permitem estudar, compreender, identificar (ela não precisa ser escrita, é compreendida por meio dos símbolos). Alguns templos ainda utilizam muito os santos católicos misturados a imagens de índios. Cosme e Damião, por exemplo, presentes no Congá; outros, já mais recentes, utilizam símbolos. Isso depende da evolução e da maneira como foi feito aquele médium (desenvolvido).

Como se faz um médium? “Fazer” um médium é toda uma preparação específica e, principalmente, estar de acordo com a ritualística do Templo. Zélio Fernandino de Moraes fundou até 1930 sete Tendas. Os materiais usados, em sua maioria são: sineta, charuto, cachimbo, marafo (que é a cachaça), ervas, arcos e flechas para os espíritos dos caboclos e índios. Também são usados guias, colares ou seguranças que fazem parte da segurança do médium e normalmente é elaborada de acordo com o médium fundador da casa ou diretor espiritual. Acompanha a cor do guia ou do mentor, ou do Orixá responsável por aquele médium. As guias de Preto Velho, normalmente devem ser de vegetais. São extremamente necessárias essas seguranças, porque identificam o grau hierárquico do médium.

8.8 Os Sacramentos na Umbanda

O casamento, o batizado e o funeral. Interessante, porque na certidão de casamento da religião de Umbanda estão descritos os guias espirituais que abençoarão este matrimônio. Não participam, simplesmente, os padrinhos materiais, mas também os padrinhos espirituais.

A certidão de batismo também apresenta os padrinhos espirituais e os padrinhos materiais, e o batizando tanto poder ser de um bebê como de um adulto. Quantos de nós aqui já não tivemos os batismos católicos e posteriormente, já adultos, nos batizamos em outra religião tradicional? Na Umbanda também podemos passar por esse batismo já adultos. No batismo de uma criança, tem sempre o oficiante e os materiais necessários, porque ali é feita a consagração dos cinco sentidos do batizando, a consagração dos Orixás ou Entidades trazem forte vibração energética durante o ato.

Hoje, em alguns templos de Umbanda, quando desencarna um médium, ainda se faz o funeral com o funeral católico. Já tivemos funerais em nosso Templo. Um médium desencarnou e o funeral foi realizado no ritual umbandista.

Existem também os atendimentos internos e externos. Os atendimentos internos consistem em passes, sessões abertas ao público, sessões de cura. É um atendimento personalizado. No atendimento coletivo, o simpatizante, ou frequentador, já recebe energias dos espíritos ao entrar nos portões de um Templo de Umbanda, porque ali existem entidades que estão preparadas para recebê-los e deixarem seu coração mais tranquilo, o pensamento voltado para que ele alcance o que veio buscar. Essa situação dos atendimentos internos também varia de acordo com o grau consciencial de quem dirige o Templo e do que os médiuns já atingiram. Em alguns templos, até para o seu próprio sustento, o dirigente acaba desenvolvendo, paralelo ao seu conhecimento um-

bandista, o seu conhecimento em oráculos, porque a Umbanda não possui uma determinada situação de receber de alguma fonte a sua condição de subsistência. Como a Umbanda é caridade, o médium estuda maneiras de arcar com as despesas para cuidar daquele Templo. Em nosso Templo, desenvolvemos a psicografia, oráculos do tarô utilizam cristais e cromoterapia e trabalho direto com os chacras. Também a incorporação é utilizada, a Entidade faz uma limpeza na aura da pessoa que está na sua frente e o cambono ao lado auxiliando. Temos uma parte em que não há incorporação, utilizamos o magnetismo; um passe mais profundo, estudado, somente utilizado para determinados casos.

Além do trabalho com o público, a doutrina é levada aos médiuns da casa semanalmente, às vezes mais. No atendimento domiciliar e externo, o médium preparado não vai fazer uma sessão na casa de uma pessoa, mas levará todo conhecimento, toda a bagagem que ele adquiriu para aquela residência. O objetivo é deixar o ambiente limpo e harmonizado.

8.9 Organização

A Umbanda tem, dentro da sua situação hoje, uma administração. O trabalho espiritual é a base. Por exemplo, nós temos um presidente, um secretário e um tesoureiro. Às vezes, o tesoureiro fica até sem ter o que fazer, porque a Umbanda realmente é caridade, e ele não tem subsídio suficientes para atuar como tesoureiro, mas ele tem que existir.

Nós temos uma configuração externa interessante que as pessoas se perguntam: “A Umbanda faz filantropia? Como ela interage com a sociedade?”. Ela faz filantropia; tem literatura. E ainda enfrenta o preconceito. A Umbanda hoje abrange não apenas o Brasil, mas também outros países. Ela existe no Japão, na Nova Zelândia, etc.

Existem cursos, escolas e faculdades de Umbanda para o estudo do médium e seu esclarecimento. Se ele já tem a essência, ela precisa de respaldo teórico.

No nosso Templo, organizamos chás beneficentes e campanhas para arrecadar fundos necessários para algum tipo de atuação e do atendimento direto a pessoas carentes. Isso acontece fora de datas comemorativas, como o Natal, por exemplo, nós não temos o hábito de determinar uma data, conforme vamos arrecadando, vamos repassando esse atendimento, gostaríamos até que fosse maior.

Num Simpósio Internacional, fiquei muito triste ao ouvir que não existia literatura sobre a Umbanda. No entanto, não conseguimos humanamente dominar a literatura que está ao alcance de todos. Não precisamos deixar que a Umbanda continue carregando, sobre os seus ombros, o preconceito, nem interno, porque, infelizmente, alguns médiuns só são umbandistas dentro do espaço físico em que estão, e também num contexto externo, porque Umbanda é conhecimento.

Elisabeth Regina Cercato (médium do P. TUMPIZ): Sou médium atuante no Templo de Umbanda Pesquisa e Iniciação P. Preta Velha Zimba do Congo – P. TUMPIZ, há dois anos e meio, mas simpatizante e freqüentadora há mais de doze anos.

Agradeço a Sacerdotisa de Umbanda, Mãe Águia, por me dar a oportunidade de falar pela primeira vez em um evento público sobre a Umbanda. Agradeço também a todos os meus irmãos de fé, os presentes e os ausentes, porque o resultado da nossa união é um trabalho muito sério de dedicação, de fazer o bem sem olhar a quem.

O nosso templo umbandista abre as suas portas a todas as pessoas, sem distinção alguma. Tanto a nossa líder espiritual, quanto os médiuns do Templo, em um cansativo dia de trabalho, quase sempre sem tempo de lancha, de tomar um banho, de relaxar um pouco, nos doamos para auxiliar o próximo. Muitas vezes, esses médiuns têm, em sua vida pessoal, problemas tão graves e até maiores dos daquelas que ali buscam auxílio de espiritualidade. A Umbanda vem me ensinando que, para fazer o bem, não são necessárias reformas morais severas, mas para alcançar aquilo de

que necessitamos e o auxílio na espiritualidade são indispensáveis, sim, as reformas morais. Por exemplo: Uma pessoa chega ao Templo umbandista com sério problema, porém, em nenhum momento antes de solicitar ajuda ela ativou o seu juiz interior, chamado de consciência, para avaliar o seu comportamento do dia-a-dia e auto-avaliar o seu merecimento de soluções rápidas para o seu problema. Após ser atendido pelo médium em transe ou incorporado ou não, após receber a primeira orientação e o início do tratamento, sai do Templo, passa no barzinho, bebe um pouco (de mais), torna-se um irresponsável no trânsito e um brigão quando chega em casa. Essa pessoa imagina que nada é avaliado pela espiritualidade e que o templo umbandista é um lugar mágico, milagroso e o simples fato de ir até lá e ser atendido, resolverá o seu problema. Grande engano. Essa pessoa culpa o médium, o Templo, o sacerdote, fala mal do local onde esteve, pois seu problema piorou, mas em nenhum momento parou para avaliar as causas. A Umbanda está me ensinando o caminho do bem, da caridade e do amor, mas principalmente o caminho das reformas morais de que necessitamos. O Templo de Umbanda Pesquisa e Iniciação Preta Velha Zimba do Congo, porém, estará sempre com as suas portas abertas mesmo para aquelas pessoas que saem dali não acreditando, mesmo falando mal, porque mais adiante elas compreenderão que não adianta ir ao médico e não tomar os medicamentos receitados ou então tomar somente a primeira dose, a doença não vai curar, e o problema continuará. Conforme as nossas reformas morais vão acontecendo, a atuação da espiritualidade na matéria é imediata, pois quanto melhor nos tornarmos como seres humanos às vistas do nosso Mestre maior, mais receptivos e merecedores do auxílio da espiritualidade seremos. Saravá Umbanda! Muito obrigada!

8.10 Espaço para Perguntas

Eu gostaria que a senhora comentasse mais como funciona essa incorporação. O que o médium sente

quando incorpora a Entidade e depois que incorpora, como é?

Mãe Águia: O transe mediúnico vai acontecendo gradativamente. Para que o médium possa vir a desenvolver a sua mediunidade, ele precisa estar sendo ensinado, estar dentro do ambiente propício, para que o médium possa vir a sentir esse transe e começar a perceber essas vibrações, e como o espírito, a alma, o ânima, é seu, nós vamos auxiliar, mas as sensações só ele poderá senti-las. É possível ter uma visão generalizada do que acontece com o médium em transe. Há várias situações específicas que nós temos que considerar para responder a essa pergunta, porque existem várias vibrações, e elas são diversificadas, tem o seu conhecimento, o seu histórico como espírito, a sua condição mental. Essa essência já existe e está brotando com um trabalho paulatino em direção a uma profunda concentração para que possa fazer, como a escritora colocou, uma incorporação “limpa”, uma incorporação que tenha mais possibilidade de transmitir as informações dos espíritos que chegam nesse médium de maneira mais clara. Isso leva mais tempo para alguns que para outros. Todo o trabalho precisa ser feito com tranquilidade, absorvendo essas energias. A sensação que o médium que recebeu algum espírito, tem é muito pessoal e não se deve fazer aleatoriamente, simplesmente a pessoa estar no lugar, tocou um atabaque ou tambor, é um ponto de Caboclo e ela já sentir. É preciso tomar cuidado, não sermos apressados e não nos preocuparmos com a espiritualidade em si, porque ela está presente, mas nos preocuparmos em nos preparar devidamente.

Eu sempre tive uma dúvida sobre o que representa a Entidade. E nas festas, por exemplo, festa de Ogum, ou de outros Orixás, eu não entendo como as entidades se manifestam em vários médiuns ao mesmo tempo, em locais diferentes. Gostaria que explicasse isso.

Mãe Águia: A linha é a linha... Vamos colocar o exemplo de Ogum, tão conhecido. A linha de Ogum: Ogum é um Orixá, e o médium dito filho de Ogum trabalha com falanges, com subfa-

langes e com legiões de espíritos. Assim como existem essas legiões, subfalanges e falanges, existem vários médiuns que podem trazê-los porque a vibração é a mesma. Às vezes, as pessoas dizem, “aqui tem dez Oguns incorporados”, então, realmente são espíritos, porque, na Umbanda, se trabalha com espíritos, são espíritos dessa linha, deste Orixá que estão tomando aqueles médiuns para executar uma determinada tarefa, por isso há essa possibilidade. Não existe um Ogum (espírito), existem espíritos que trabalham em nome desta energia.

Qual é a relação dos Exus, porque já fui a muitas sessões de Exus e já os vi fazendo uso da cachaça, da cerveja, do tabaco, como sendo algo para limpar a energia e não consigo entender. Qual é a relação do tabaco, da cachaça, da cerveja, nessas sessões de Exu, que são espíritos de vibração mais baixa, na hierarquia eles estão mais abaixo? Gostaria que falasse um pouco a respeito disso. É, não é?

Mãe Águida: Os Exus estão sempre numa situação difícil com relação à coletividade, porque eles são tachados de entidade ruins, beberrões, as pombas-gira são mulheres da vida, são prostitu-

tas, é essa a situação que está acontecendo, infelizmente. Então, esses espíritos – não se esqueça que a Umbanda trabalha com espíritos desencarnados, com a reencarnação – estão nessa faixa vibratória muito baixa, mas não são os Exus. Os Exus, na realidade, estão aí para nos defender desse tipo de espírito, ou então, chamados simplesmente como você disse, de baixa vibração, nós temos os miasmas astrais, nós temos os cascões astrais, então, nós precisamos de guardiões que venham nos proteger destas vibrações, e os Exus estão ali exatamente para isso, têm essa competência, eles potencializam a atuação dos Orixás ou das Entidades. Por quê? Porque eles fazem o cordão de isolamento destas energias de baixa vibração, utilizando a sua energia, para atuação através de médiuns. Há um controle, é um agente para esta função, mas pouco compreendido, às vezes, falam em Exus, e as pessoas se assustam, mas na realidade a presença do Exu potencializa toda a atuação de vibrações mais sutis, porque dão este amparo. O Exu é aquele que conhece o mundo da rua, as doenças, a pobreza e as encruzilhadas. É o mediador dos orixás.

Algumas Indicações Bibliográficas Úteis

- BERKENBROCK, V.J. *A experiência dos Orixás; um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOWKER, John (org.). *O Livro de Ouro das Religiões*. A fé no ocidente e oriente, da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- DELUMEAU, Jean (org.). *As Grandes Religiões do Mundo*. 3. ed Lisboa: Editorial Presença, 2002.
- DELUMEAU, Jean; MELCHIOR-BONNET, Sabine. *De Religiões e de Homens*. São Paulo: Loyola, 2000.
- DREHER, Martin. *A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial* São Leopoldo: Ed.Sinodal, 1999 (História da Igreja, v. 4).
- FOLLMANN, J. Ivo. O Mundo das Religiões e Religiosidades: alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios. In: SCARLATELLI, C.C.; STRECK, D.R.; Follmann, J.I. (org.). *Religião, Cultura e Educação*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.
- HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein (org.). *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Com interessante *apêndice* de Antonio Flávio Pierucci sobre *As Religiões no Brasil*, p. 281-302).
- Religiões no Brasil. *IHU On-Line*, São Leopoldo, n. 169, 19 dez. 2005. Disponível em: <http://www.unisinos.br/ihu>
- KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. São Paulo: Livraria A. Kardec, 1990.
- LANDIM, Leilah (org.). Sinais dos Tempos: Igrejas e Seitas no Brasil. *Cadernos do ISER*, n. 21, 1990.
- LANDIM, Leilah (org.). Sinais dos Tempos: diversidade religiosa no Brasil. *Cadernos do ISER*, n. 23, 1990.
- MACEDO, Carmen Cinira. *Imagem do Eterno*. Religiões no Brasil. 4 ed. São Paulo: Moderna, 1991.
- MENDONÇA, Antonio Gouveia. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SCHERER, Burkhard (org.). *As Grandes Religiões: temas centrais comparados*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto (org.). *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. V. I e II.

Organizadores



Adevanir Aparecida Pinheiro, nascida em Cambira, PR, em 1959. É mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004, especialista na área da Família Criança e Adolescentes, 2001 pela Universidade do Vale de Itajaí (Univali) e graduada em Serviço Social, 1997, pela mesma Universidade, onde realizou trabalhos como agente dos Direitos Humanos – ADH. Desde 1999, é funcionária da Unisinos na função de coordenadora dos projetos e pesquisas do Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo – GDIREC, como Grupo Inter-Religioso de Diálogo e o Projeto Cidadania e Cultura Religiosa afrodescendentes. Atua como assessora das práticas sociais religiosas e implementação da Lei de Assistência Social – LOAS nos locais de culto e templo religioso ligados aos líderes religiosos. É supervisora da pesquisa e cadastramento dos locais de cultos religiosos e templos na Região Metropolitana de Porto Alegre. Em parceria com o CONER e a 2ª CRE do município de São Leopoldo e com a Secretaria de Educação de Novo Hamburgo, assessora a capacitação e formação de professores na área de ensino religioso nas escolas estaduais e municipais na Região do Vale do Rio dos Sinos. Em 2000, organizou o projeto Estudantes e Comunidades Afros da Unisinos (ECAU).

Algumas publicações da autora

Religião de Costume ou religião de escolha? *Jornal Mundo Jovem*. PUC – Porto Alegre. Impressão: EPECÊ, ano XLIV, n. 367, julho de 2006.

O Mundo das Religiões em Sapucaia do Sul. São Leopoldo: Impressos Portão, 2005. (Cadernos IHU ano 3, n. 10).

O trabalho e as Religiões. *Jornal Mundo Jovem*. PUC – Porto Alegre. Impressão: EPECÊ, ano, XLII, n. 346, maio de 2004.

O Mundo das Religiões em Canoas. São Leopoldo: Impressos Portão, 2003. (Cadernos IHU ano 1 – n. 2).

O Mundo das Religiões em Novo Hamburgo. São Leopoldo: Impressos Portão, 2002. (Cadernos IHU ano 4, n. 17).



Cleide Olsson Schneider, nascida em Blumenau, SC, em 1971. É bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), 1995, e licenciada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2002.

Algumas publicações da autora

Meditações publicadas nos livros *Olhar para o Vale I, II, III*, organizados por Osvino Tillier, publicados pela Editora Sinodal.



Jose Ivo Follmann, nascido em Cerro Largo, RS, em 1947, Padre jesuíta, atuação profissional na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas. Doutor em Sociologia pela Universidade Catholique de Louvain, UCL, Bélgica, 1994. Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade de São Paulo, PUCSP, 1984. Especialista em História Contemporânea, 1979, Cooperativismo, 1977 e em Teologia Pastoral, 1975. É graduado em Sociologia, Filosofia e Teologia.

Algumas publicações do autor

O Desafio Transdisciplinar: alguns apontamentos. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 41, n. 1, p. 53-7, 2005.

A Segmentação do Conhecimento é o Fruto Perverso da Modernidade, entrevista concedida à *IHU On Line*, São Leopoldo, ano 4, n. 153, p. 9-13, ago. 2005.

O Mundo das Religiões em Sapucaia do Sul. São Leopoldo: Impressos Portão, 2005. (Cadernos IHU ano 3, n. 10).

O Mundo das Religiões e Religiosidades: alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios. In: SCARLATELLI, Cleide; STRECK, Danilo; FOLLMANN, José Ivo (org.). *Religião, Cultura e Educação*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

Diversas publicações na área da sociologia das religiões:

Palestrantes

Antonio Cazzuni Dias, nascido em Esteio, RS, em 1949, é diretor da Ana Terra Empreendimentos Empresariais, possuindo mais de 10 anos de experiência na área de projetos de engenharia elétrica industrial. É também vice-presidente do Círculo Espírita Francisco de Assis (CEFA) desde 1996.

Miguel Debiazzi, nascido em 1963, é frei Capuchinho e Bacharel em Teologia pela PUCRS e mestre em Filosofia pelo PPG-UNISINOS. Atualmente atua como Pároco na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, em Tramandaí, RS.

Dejair Haubert, nascido em São Leopoldo, RS, em 1966, possui Ensino Médio Completo e curso superior incompleto pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Formação Religiosa sob responsabilidade de Pai Nilton Luis Rodrigues, Babalorixá (Pai Nilton de Oxum), responsável pela Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás no Bairro Feitoria – São Leopoldo, RS. É presidente da Associação Afro-Umbandista de São Leopoldo.

Aida Martins de Lima, nascida no Rio de Janeiro, em 1933, é formada em Letras pela Escola das Normalistas (RJ) e na religião por Pai Patrício de Ossanha e Mãe Cucha da Oxum Demu, na Azenha, Porto Alegre, 1935. Ialorixá Africanista responsável pela Casa Africana Nossa Senhora da Conceição, em Mathias Velho, Canoas, RS.

Antônio José de Lima Filho, nascido no Rio de Janeiro, em 1929, possui Ensino Médio completo, formado na religião por Ermelina José Bonifácio de Freitas, conhecida como Nininha da Oxum Demo, em Porto Alegre, 1973. Babalorixá Africanista responsável pela Casa Africana Nossa Senhora da Conceição, em Mathias Velho, Canoas, RS.

Dolores Senhorinha Dorneles, nascida em São Leopoldo, RS, em 1954, é Ialorixá. Possui Ensino Médio incompleto. É formada na Religião Africanista em 1978 na Casa Ilê de Ogum sob responsabilidade do Babalorixá Pai João de Deus Oliveira Ritter. Obteve feitura na Linha de Jejê e Jexá. É vinculada à Associação Afro-brasileira, Porto Alegre, RS – AFROBRÁS e à Associação Leopoldense de Cultos Umbandistas e

Afro-brasileira – ALCUCAB. Atualmente, é responsável pela Associação Africanista Santo Antônio de Categeró em São Leopoldo, Bairro Feitoria.

Jessé Castro Ramos, nascido em Pelotas, RS, em 1961, é graduado em Teologia no Seminário Edmont Krisk, Porto Alegre, RS e revendo e reitor na Região de São Leopoldo, RS da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Atualmente, é responsável pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil no Centro de São Leopoldo, RS.

Adalberto Santos Dutra, nascido em Tucunduva, RS, em 1945, é bacharel em Teologia Pentecostal na Faculdade de Educação Teológica – FAETEL LOGOS, SP, 1976. É pastor presidente da Igreja Evangélica Assembléia de Deus sob o registro de ordenação da Convenção das Igrejas e Pastores do Estado do Rio Grande do Sul (CIEPADERGS) e da Convenção Geral da Assembléia de Deus no Brasil (CGADB), vice-presidente da Convenção dos Pastores do Estado do RS e presidente do Conselho da Igreja da Região Sul.

Rafael Gué Martini, nascido em São Leopoldo, RS, em 1975, é graduado em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2004. É secretário da Associação Beneficente Céu de São Miguel (Santo Daime), filiada ao CEFLURIS.

Alancardino Vallejos, nascido em São Leopoldo, RS, em 1950, é bacharel em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Juiz de Direito, hoje é aposentado, atua como advogado de causas trabalhistas. É dirigente da Igreja Céu de São Miguel (Santo Daime), filiada ao CEFLURIS.

Águida Guiomar Pires, nascida em Caxias do Sul, RS, em 1951, é graduanda em Teologia na Escola Superior de Teologia – EST e sacerdotisa de Umbanda. Atualmente, é responsável pelo Templo de Umbanda, Pesquisa e Iniciação, Preta Velha Zimba do Congo, São Leopoldo, RS.

Elói Saldanha, nascido em Roca Sales, RS, em 1971, possui Ensino Médio incompleto. É Cacique de Umbanda, formado por Dona Neuza da Preta Velha Maria Conga, Alegrete. É responsável pelo Templo de Umbanda, Pesquisa e Iniciação, Preta Velha Zimba do Congo, São Leopoldo, RS.

